N.º 902-A 14/SETEMBRO/1987 Cz$ 60,00

DOCUMENTO HISTÓRICO

EDIÇÃO DOS CAMPEÕES

Todos os campeões estaduais de 1987, suas campanhas e artilheiros

Você sabe onde se encontram Peças Originais Volkswagen pra lá de Bagdá?

Na nova embalagem, como no Brasil.

No Iraque, como aqui, quem tem um Volkswagen tem a certeza de encontrar Peças Originais Volkswagen. As únicas testadas e aprovadas na própria Fábrica, com garantia nacional de 8 meses ou 15 mil quilômetros.

Você ou qualquer iraquiano encontra a mesma Peça Original Volkswagen na nova embalagem. Agora com visual padronizado, desenvolvido e exportado por nós, brasileiros.

Com Peças Originais você mantém a originalidade e garante a valorização do seu Volkswagen. Como no Oriente Médio.

PLACAR

N.º 902-A 14 DE SETEMBRO DE 1987

CARO LEITOR

Havia 22 pastas pousadas em cima da mesa do editor Marcos Barrero durante todo o mês de agosto. Cada uma delas formava um extenso dossiê sobre a situação de cada um dos campeonatos regionais que seguiam em suas retas finais. As informações pingavam, dia após dia. O cachimbo de Barrero — um paulista de Assis, 34 anos — soltava cada vez mais fumaça à medida que os times espalhados por todo o Brasil iam-se desvencilhando de intrincados regulamentos para colocar a mão nas taças de campeões estaduais. Cada volta olímpica em algum estádio brasileiro representava para Barrero a responsabilidade de contar mais uma história da glória alcançada. Não se pense que tenha sido uma tarefa fácil. Fazer uma *Edição dos Campeões* é um trabalho que só PLACAR pode enfrentar — e o realiza com sucesso pelo sexto ano consecutivo. Contar a história de cada campeão levou Barrero a passar por horas gratificantes e, às vezes, de certa angústia. Como, por exemplo, na decisão do certame paraense, que estava sujeita a não ocorrer pela ameaça de desabamento do Estádio Mangueirão, em Belém. Quando, enfim, surgiu o derradeiro campeão, Barrero suspirou feliz. Estava encerrada sua fumegante missão.

EDU GARCIA

Marcos Barrero e seu cachimbo: missão fumegante

Mário Sérgio Della Rina

SUMÁRIO

ANTONIO CARLOS MAFALDA

Festa carioca: o Vasco de Roberto Dinamite

ESPETÁCULO PARA TODOS OS GOSTOS

Havia encanto no toque de bola em craques como Pita. Havia bravura na determinação de guerreiros como Darío Pereyra. Havia arte, engenho e raça

"O São Paulo é um time de chegada." Esta frase, repetida diversas vezes pelos jogadores e membros da comissão técnica do tricolor, é a exata definição para esta jovem, brilhante e valente equipe. Afinal, desde 1980, poucos foram os clubes que disputaram tantas decisões quanto o São Paulo — oito ao todo, sendo seis pelo Campeonato Paulista e duas na Copa Brasil —, mostrando, acima de tudo, que este time tem sina de campeão.

Durante algum tempo, entretanto, a torcida são-paulina duvidou da conquista deste 15.º título paulista. Motivos para isso não faltaram, pois, quando estreou no dia 22 de março (vitória em casa sobre o Santo André por 2 x 1), o tricolor voltava suas atenções para algo mais ambicioso: ganhar a Taça Libertadores da América e o Mundial Interclubes, no Japão, coroando com êxito o chamado "Projeto Tóquio".

Logo de cara, porém, o projeto mostrou que iria ser engavetado. Com uma derrota de 3 x 1 para o Guarani, em Campinas, o São Paulo estreava mal na Libertadores e em quase nada lembrava o time campeão brasileiro de 1986. Naquela noite, 27 de março, o São Paulo já não contava com os gols sensacionais do artilheiro Careca, envolvido numa complicada negociação com o Napoli. Além disso, o técnico Pepe começou a se desgastar diante do elenco, em particular com o goleiro Gilmar e o atacante Müller, que em algumas partidas ficaram no banco de reservas.

Com os dois campeonatos em andamento, o São Paulo praticamente foi obrigado a montar uma outra equipe, embora sem gastar muito. Dos 32 jogadores utilizados em toda a campanha, apenas cinco vieram ▷

SERGIO BEREZOVSKY

O raçudo Nelsinho contra o Corinthians: o tricolor soube ser valente e matou a pau um difícil adversário

NELSON COELHO

Morumbi, 30 de agosto de 1987: Pita, sem camisa e ao lado de Nelsinho, festeja a taça que ficou com o melhor

Pita em ação, na final: um comandante com classe

SERGIO BEREZOVSKY

NELSON COELHO

Edivaldo: um dos poucos reforços que vieram de fora

"Vamos buscar o gol, sempre." Era Cilinho voltando

de outros times: Neto (emprestado pelo Guarani), Denys (emprestado pelo Palmeiras), Paulo Martins (contratado junto ao Bahia), Edivaldo (contratado junto ao Atlético-MG) e Lê (comprado da Internacional de Limeira). Mesmo com um olho na Libertadores, o tricolor não decepcionava no Paulistão, mantendo-se invicto por sete partidas.

A partir do dia 19 de abril, entretanto, as coisas começaram a mudar dentro do Morumbi. Naquele domingo de Páscoa, o São Paulo perdeu sua invencibilidade para o Santos, sendo derrotado por 3 x 2. Dois dias depois, alegando cansaço e problemas pessoais, o técnico Pepe pediu demissão. A falta de ambiente com o grupo seria o motivo para sua misteriosa saída, diziam as más-línguas. Mas o próprio Pepe apressou-se em pegar o boné quando soube do interesse do clube em trazer de volta Octacílio Pires de Camargo, o Cilinho.

Um dos grandes responsáveis pela conquista do título paulista de 1985, além de ter revelado talentos como Silas, Müller e Sídnei, Cilinho voltava ao São Paulo — antes, o auxiliar técnico José Carlos Serrão dirigira o time por oito jogos — disposto, mais que nunca, a resgatar o futebol-arte. "O São Paulo é um time que só sabe jogar pela vitória, sempre buscando os gols", anunciava o treinador em sua chegada.

"CADÊ A VALENTIA?" — Uma escassez de resultados positivos, entretanto, foi o que o São Paulo apresentou nos primeiros dias de Cilinho. Do dia 17 de maio, quando ainda era dirigido por Zé Carlos, até 6 de junho, já sob a batuta de Cilinho, o São Paulo colecionou nove partidas sem vitória. Além do problema da Libertadores, o São Paulo ainda sofria desfalques com as constantes convocações da Seleção Brasileira — Torneio Pré-Olímpico, excursão à Europa e Copa América. Apesar dessa desculpa, o técnico Cilinho não se conformava com o fraco rendimento do grupo. "Quando saí, o São Paulo era um time valente, e agora faz um gol e recua para garantir o resultado", acusava Cilinho.

As mudanças do técnico, porém, começaram na defesa. No dia 9 de junho, depois de uma reunião com todo o elenco, Cilinho decidiu afastar o zagueiro Oscar, para promover o jovem Adílson. Enquanto o ex-capitão rescindia seu contrato, o técnico justificava a decisão: "Temos de

ARTILHEIRO

Lê

Certamente, ele não preocupa as defesas adversárias por sua modesta estatura. Mesmo com apenas 1,70 m, de altura e 66 kg, Ronaldo Francisco Lucato provou que tamanho não é documento e se tornou artilheiro de uma equipe que até algum tempo contava com os mágicos gols de Careca. Contratado junto à Internacional de Limeira — sua terra natal — no início do ano, Lê conseguiu uma outra façanha, além de balançar as redes inimigas por quatorze vezes: é o único jogador bicampeão paulista.

ABRIL

"Não é fácil ser artilheiro em São Paulo", comenta Lê. Na verdade, ele não chegou a ser um dos principais goleadores do campeonato, mas, com seu estilo rápido e criativo, facilitou muito a vida dos companheiros. Sempre caindo pelas pontas ou tabelando na entrada da área, ofereceu inúmeras jogadas de gol. Alguns mais apressados chegaram até a comparar seu estilo ao de Tostão, mas, na verdade, este baixinho esperto de 22 anos (1.º/9/1965) não deixou que a torcida sentisse muita saudade de Careca.

SERGIO BEREZOVSKY

Gilmar: competência posta à prova em todos os jogos

NELSON COELHO

Darío Pereyra: barreira intransponível ali atrás

pensar na renovação, e ela está nesses jovens".

Com a desclassificação na Libertadores e a Seleção fora da Copa América, o São Paulo pôde — com o time completo — dar a arrancada decisiva para a classificação ao quadrangular. Foi aí que brilhou a estrela de um craque: o meia-esquerda Pita tornou-se o grande maestro com seus lançamentos precisos e cobranças de faltas venenosas. De nono colocado na classificação geral, com 26 pontos, na sétima rodada, o tricolor logo pulou para quinto lugar, com 39 pontos, na 17.ª rodada, em uma série de dez jogos sem conhecer o gosto da derrota.

A classificação chegou em um clássico quente em emoções. Depois de estar vencendo por 3 x 1, dando um show de bola, o São Paulo sucumbiu à garra do Corinthians e cedeu o empate. Como o resultado garantia a classificação das duas equipes, os jogadores são-paulinos tiraram uma importante lição nessa partida, e que seria imprescindível nas finais. "Time que quer ser campeão tem de colocar o coração no bico da chuteira", garantia o lateral Zé Teodoro.

CRAQUES SONOLENTOS — Na semifinal, o São Paulo ia pegar o Palmeiras, desesperado para quebrar a longa fila de onze anos sem título. Na primeira partida, a Seleção Brasileira — mais uma vez — desfalcava o tricolor de duas estrelas: o lateral-esquerdo Nelsinho e o meia Pita, convocados para os Jogos Pan-Americanos. No primeiro encontro, um 0 x 0 sem graça, compensado totalmente na semana seguinte. Quarenta e oito horas depois de terem conseguido a medalha de ouro para o Brasil, Nelsinho e Pita chegaram em São Paulo, e após algumas horas de sono colocaram-se à disposição de Cilinho para entrar em campo.

CAMPANHA

Para conquistar seu 15.º título, o São Paulo precisou disputar 42 partidas, com dezessete vitórias, dezoito empates e sete derrotas. O ataque marcou 61 gols e a defesa sofreu 42. Os resultados:
Santo André: 2 x 1 e 4 x 0
Mogi-Mirim: 2 x 2 e 0 x 0
Internacional: 3 x 0 e 0 x 2
Portuguesa: 2 x 2 e 0 x 0
XV de Jaú: 3 x 2 e 0 x 2
Novorizontino: 1 x 1 e 3 x 2
Ferroviária: 1 x 1 e 2 x 0
Santos: 2 x 3 e 1 x 0
Ponte Preta: 4 x 0 e 1 x 1
Botafogo: 1 x 1 e 3 x 2
XV de Piracicaba: 2 x 0 e 4 x 1
Palmeiras: 0 x 1, 0 x 0, 0 x 0 e 3 x 1
Corinthians: 0 x 0, 3 x 3, 2 x 1 e 0 x 0
América: 2 x 1 e 1 x 1
Guarani: 0 x 0 e 2 x 2
Bandeirantes: 0 x 2 e 1 x 0
Juventus: 0 x 0 e 0 x 2
Noroeste: 1 x 2 e 3 x 2
São Bento: 0 x 0 e 2 x 1

Comandados pela classe de Pita, os jogadores do São Paulo deram de tudo nesse jogo, e com técnica e raça despacharam o Palmeiras vencendo por 3 x 1, quando o empate favorecia o alviverde. Agora, na decisão, a batalha mais dura seria pegar o embalado Corinthians, que saiu da lanterna para ser campeão do segundo turno. Muitos apostavam na garra do Timão e na força da torcida, mas o São Paulo aprendeu bem a lição daqueles 3 x 3 disputado dias antes.

Quarta-feira, 26 de agosto. Dessa vez, o regulamento favorecia o São Paulo, que jogava pelos empates. Mas Cilinho não queria saber de conversa e mandou o time "matar a pau" o Corinthians. Com um primeiro tempo primoroso e um segundo de muita vontade, o Tricolor saía na frente na decisão, vencendo por 2 x 1. No domingo, dia 30, sem mostrar uma técnica exuberante, mas com uma gana incrível, o São Paulo segurou o empate de 0 x 0 e garantiu a taça para o Morumbi.

Heróis? Existem vários. Do goleiro Gilmar ao ponta-esquerda Edivaldo, passando pelo raçudo Darío Pereyra e o artilheiro Lê, todos têm a sua parcela. Mesmo sem fazer uma campanha brilhante (*veja o quadro*), o São Paulo mostrou que, quando o jogo vale taça, o time chega lá. Na técnica e na raça.

Marcelo Laguna

SÃO PAULO

CAR

CAMPEÃO PAULISTA 1987

Em pé: Ferrari (prep. físico), Gilberto (prep. de goleiros), Müller, Wágner, Edmílson, Adílson, Neto, Ziza, Paulo Martins, Darío Pereyra e Baiano; no centro: Sandro (fisi Fonseca, Bernardo, Vizolli e Bebeto de Oliveira (prep. físico); sentados: Luís (fisioterapeuta), Marco Aurélio Cunha (médico), Silas, Pita, Tangerina, Nelsinho, Juvena

FOTO NELSON COELHO

terapeuta), Hélio Santos (mass.), Cilinho, Ronaldo, Zé Carlinhos, Anselmo, Gilmar, Zé Carlos, Juvêncio (dir. de futebol), Dênys, Edivaldo, Zé Teodoro, Lê e Éder Taino

Rojas, Mano, Quinho, Rai, Marcelo e Dario

RIO DE JANEIRO

COM A MARCA DO VELHO EXPRESSO

Arrasadora, a máquina de Roberto e Romário passou como quis pelos adversários e fez lembrar os bons tempos de Ademir e Jair

Parecia uma repetição da final do ano passado. O mesmo dia de sol, o mesmo Maracanã lotado. Em campo, ali estavam de novo os dois times. Desta vez, no entanto, o Vasco prometia uma história diferente. Em 1986, os vascaínos deixaram calados o estádio, entristecidos pela derrota de 2 x 0 para o arqui-rival Flamengo. Mas, neste 9 de agosto de 1987, a sorte voltou depois de cinco anos.

E a equipe de São Januário explodiu com o gol de Tita aos 42 minutos do primeiro tempo. Vitória de 1 x 0.

Finalmente, os jornais do dia seguinte anunciaram a boa nova para os torcedores cruz-maltinos: campeão. "Venceu o melhor", sentenciou o carismático centroavante Roberto. Não era presunção do artilheiro. De fato, ninguém em sã consciência pôde contestar este título.

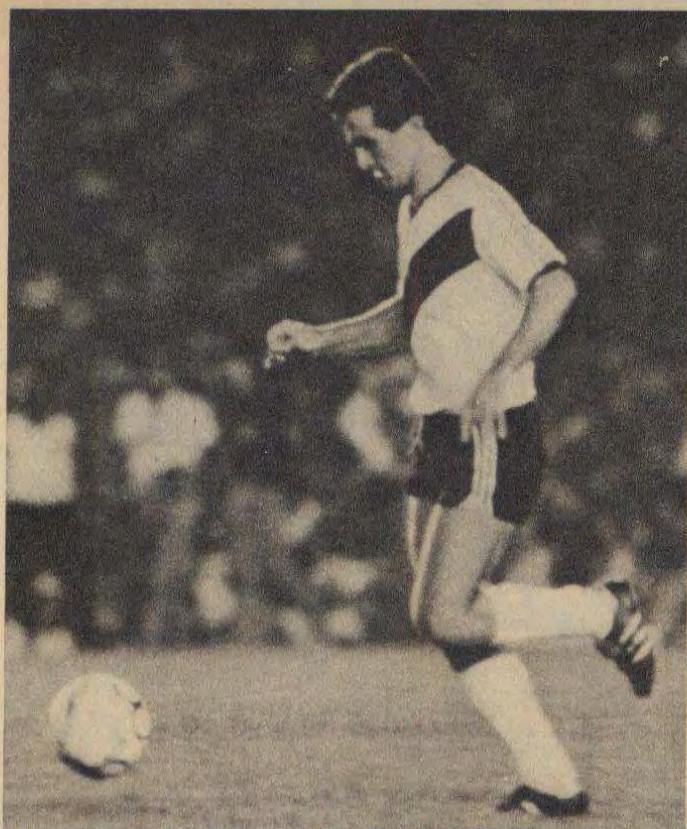
Foi o time que maior número de pontos marcou — 47. Teve uma defesa vazada apenas 15 vezes. O melhor ataque era o seu, com 61 gols, marca que levou os saudosistas a lembrar a inesquecível linha Ademir, Lelé, Isaías, Jair e Chico, do Expresso da Vitória dos anos 40.

MASSACRE DOS PEQUENOS — Não é um exagero tão grande assim. Afinal, o Vasco simplesmente ficou com os três artilheiros do campeonato: Romário, dezesseis gols; Roberto, quinze; e Tita, doze. Total de 43 gols, mais que todos aqueles assinalados pelo vice-campeão, o Flamengo, com seus 37.

Na verdade, desde o início, a equipe parecia predestinada a uma campanha inesquecível. Naquele distante 22 de fevereiro, uma vitória sobre o Olaria marcou a arrancada. Daí em diante, os bons resultados ▷

A ruidosa euforia da galera vascaína: a comemoração por um título que São Januário esperava desde 1982

FOTOS MARCO ANTONIO CAVALCANTI

Mazinho, Paulo Roberto, Luís Carlos, Fernando, a taça e os torcedores: final feliz para uma brilhante campanha

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

O hábil Tita: muita luta e um gol que decidiu o título

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

O eficiente Roberto: vice-artilheiro do campeonato

O segredo do Vasco: jogou com convicção

não pararam de acontecer. Azar dos pequenos.

Coitados! Portuguesa e Cabofriense levaram oito gols cada nos dois jogos que fizeram contra o esquadrão alvinegro. Pior sorte teve o humilde Mesquita. Na Taça Guanabara, apanhou de 4 x 1. Meses depois, na Taça Rio, o vexame foi maior — 6 x 0.

Numa conquista tão farta de gols como essa, a dupla Ro-Ro — Roberto e Romário — se destacou. Ambos sintetizaram o que foi o Vasco campeão. De um lado, o experiente Dinamite, com seus 33 anos, comandava a equipe. Por sua vez, o jovem Romário, 21 anos, era a personificação da malícia e da alegria. Seus dribles e suas arrancadas faziam de cada partida um espetáculo.

E pensar que meses antes, durante a Copa Brasil, um jogo do Vasco representava um martírio para a torcida. Inconformada com a desclassificação prematura, a diretoria saiu em busca de reforços.

Trouxe o incansável Dunga, que, com uma frase, reergueu o ânimo de todos: "Vim para ser campeão", prometeu. E lembrou que ali estava um grupo vencedor. Não era para menos. Ele, Geovani e Mauricinho tinham sido campeões mundiais de juniores em 1983. "Vamos repetir a dose carioca neste ano", garantiu.

Logo depois, chegava o meia Tita, o ex-ídolo do Flamengo. Quem diria que, tempos mais tarde, naquele 9 de agosto, seria ele o carrasco do rubro-negro? A rigor, naquela época, pareciam poucas as alterações para um Vasco tão debilitado.

Então, brilhou a estrela do técnico

ARTILHEIRO

ROMÁRIO

É assim há três anos. Por isso os vascaínos podiam até duvidar da conquista do título carioca, mas de uma coisa tinham certeza: o artilheiro do campeonato sairia de São Januário. As opiniões se dividiam apenas num ponto: Roberto ou Romário?

Venceu quem apostou naquele garoto baixinho (1,69 m), de 21 anos. Em 1985, foi a vez de Roberto. Ganhou por doze gols a onze. No ano passado, Romário deu o troco: vinte a dezenove. Na cordial batalha desta temporada, o primeiro lugar da artilharia ficou com a nova sensação do Vasco: dezesseis gols contra quinze de Dinamite.

Este ano, por sinal, parece ter sido feito sob medida para Romário. Chamado pela primeira vez para a Seleção Brasileira, logo nos primeiros jogos virou celebridade nacional. Viveu sua melhor fase em seis anos de São Januário.

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

Romário: a personificação da malícia cruz-maltina

ANTONIO CARLOS MAFALDA

O lateral Paulo Roberto: perigoso como um atacante

Joel Santana. Com uma receita simples, ele transformou o time. "Precisamos jogar um futebol moderno", ensinou. Dito e feito. Só na Taça Guanabara, em treze jogos, foram oito vitórias. A maioria por goleada. E não apenas nos pequenos. O América, terceiro colocado na Copa Brasil, levou de três. O mesmo ocorreu com o perigoso Bangu.

O RITMO DA MÁQUINA — Assim, nada mais natural que chegar ao fim da Taça Guanabara com o título na mão. É certo que aconteceram alguns tropeços. Como aquele inesperado 3 x 0 para o Fluminense. A torcida não perdoou e xingou Joel Santana.

Novamente, o treinador respondeu com números. Outras oito vitórias, mais 29 gols. Bons resultados que, no entanto, não evitaram a Taça Rio ir para o Bangu. Mas garantiram uma rendosa transferência de Joel Santana para o futebol árabe.

Em seu lugar, apareceu Sebastião Lazaroni, o mesmo técnico que derrotara o Vasco na final de 1986. Alguns temiam que a mudança de comando alterasse o ritmo da máquina. Às vésperas do terceiro turno, tudo indicava que sim. A crise chegou ao ponto máximo quando Geovani passou a criticar abertamente a falta de união do elenco.

Se não tinha Dunga, que foi para o Pisa da Itália, Lazaroni contava com a dedicação de Henrique e Luís Carlos no meio-campo. Confiava também no potencial dos jogadores. Por isso o Vasco entrou na fase decisiva com convicção. A goleada de 4 x 0 no Bangu foi o prenúncio do título. Restava apenas o estigma do eterno vice — oito vezes em treze anos.

Na final, entretanto, tudo foi diferente. Pouco importava se o adversário era o mesmo vitorioso de 1986. Nem mesmo Zico conseguiria segurar o Vasco. Desse modo, quando a bola veio cruzada da esquerda para o peito de Roberto Dinamite, tudo começava a fluir naturalmente. Logo, ela estaria nos pés de Tita. O chute indefensável só poderia parar no fundo das redes. Terminava assim o Campeonato Carioca de 1987 — uma temporada com a marca do velho Expresso da Vitória.

Alfredo Ogawa

CAMPANHA

Para conquistar o título carioca, o Vasco disputou 31 partidas. Venceu dezenove, empatou nove e perdeu três. Seu ataque marcou 61 gols e a defesa sofreu quinze. Seus resultados:

Olaria: 1 x 0 e 1 x 1
Goytacaz: 3 x 0 e 2 x 2
Americano: 0 x 0 e 1 x 0
Botafogo: 0 x 0 e 2 x 1
Mesquita: 4 x 1 e 6 x 0
América: 3 x 0 e 3 x 1
Bangu: 3 x 0, 0 x 1, 3 x 0 e 4 x 0
Porto Alegre: 3 x 0 e 1 x 0
Campo Grande: 2 x 2 e 2 x 0
Portuguesa: 3 x 0 e 5 x 1
Fluminense: 0 x 3, 0 x 0 e 0 x 2
Cabofriense: 2 x 0 e 6 x 0
Flamengo: 0 x 0, 0 x 0, 0 x 0 e 1 x 0

C.R. VASCO DA GAMA

CAMPEÃO CARIOCA DE 1987

Em pé: Paulo Roberto, Acácio, Fernando, Henrique, Mazinho, Donato e Sebastião Lazaroni (técnico); agachados: Tita, Geovani, Roberto Dinamite, Luís Carlos e R

FOTO ANTONIO CARLOS MAFALDA

omário

O TRIUNFO DAS JOVENS RAPOSAS

A Toca volta a produzir feras como na década de 60 — e o título surge depois de dez anos de jejum dentro dos gramados

Não foi este apenas um título a confirmar uma tradição de glórias. Apesar de ter sido campeão estadual 23 vezes — e 12 delas apenas na era do Mineirão —, o Cruzeiro, na verdade, jejuava há praticamente uma década. Sua última conquista, afinal, era de 1984, mas se estendera dos campos para os tribunais. Desta vez, não. A equipe cumpriu uma campanha quase irretocável. E, na esteira de seu triunfo, viu nascer um time ao mesmo tempo jovem e competitivo.

Não se trata, naturalmente, de um vencedor órfão. Mas é difícil identificar sua paternidade. Pode-se dizer, por exemplo, que este formidável Cruzeiro de 1987 nasceu de seu próprio ventre. Como há muito não se via, os cartolas driblaram as contratações arriscadas nesta temporada — e abriram uma brecha oportuníssima para os chamados prata da casa. Alguns reforços — é verdade — haviam chegado de fora, mas eram remanescentes do ano passado: o lateral Balu, o volante Ademir, o meia Heriberto e o ponta Édson.

Certo é que o ex-goleiro Raul Guilherme Plassmann — ídolo do Cruzeiro na década de 60 — não tocou fisicamente na taça. Mas seu papel na façanha foi importante e indiscutível. Fora ele, afinal, quem, na condição de cartola estreante, disparara o sinal de alerta. "Primeiro plantar, depois semear e só então colher os frutos", ensinou. Raul, como ninguém, enxergara nas crias domésticas a predisposição para a vitória — a mesma que, anos antes, alguém percebeu na gloriosa geração cruzeirense da qual ele próprio fez parte.

Os novos valores começaram a despontar na última Copa Brasil. O campeonato, a rigor, foi uma espécie de prévia do que poderia acontecer ao Cruzeiro no estadual. Talvez por isso o técnico Carlos Alberto Silva tenha sido tão festejado na hora do triunfo final. Chamado a dirigir a Seleção Brasileira no Torneio Pré-Olímpico, na excursão à Europa e Israel, Copa América e Pan-Americano, ele só comandou o Cruzeiro em seu jogo de estréia: 4 x 0 sobre o Tupi, no Mineirão. Nesse dia, os jogadores ofereceram a goleada ao treinador e com ele trocaram votos de felicidade. Meses mais tarde, trocariam cumprimentos pelo título.

OS TÉCNICOS — Como Carlos Alberto estivesse ligado ao clube até o final de setembro, os quatro treinadores que o sucederam — assim fez questão de frisar a diretoria — passaram por seu crivo e, de certa forma, tentaram desviar-se da rota de comparação com o antecessor ilustre. Raul Plassmann foi o primeiro da fila. Mas seu rendimento como cartola não se repetiu no banco. Em sete jogos, sofreu três derrotas na fase de classificação do turno e alegou "forças ocultas" para pedir o boné e ir embora.

Para enfrentar a crise, João Avelino aterrissou na Toca da Raposa

Uma cena muito esperada: a elevação do troféu, símbolo da façanha, e a vibração

GLADSTONE CAMPOS

Róbson, o perigoso ponta cruzeirense, num duelo com o atleticano Renato: usando velocidade e força para marcar

Troca de técnico, Seleção, contusões: nada atrapalhou

com seu inseparável boné e seus apitos de estimação. Não foi pelo folclore, no entanto, que o baixinho apelidado de "71" levou o time ao primeiro lugar disparado na etapa de classificação. Seu único erro, todavia, foi fatal. Invicto há oito jogos, podia empatar com o Galo, prometeu goleá-lo e acabou perdendo por 3 x 2. Deixou escapar o título do turno. Por fim, ele cavou sua própria sepultura ao atirar a culpa sobre os jogadores. "Eles não têm garra nem amor à camisa", acusou.

TAREFA DIVIDIDA — A solidariedade dos jogadores não era algo que merecesse menosprezo. As estatísticas do certame, mais tarde, seriam a confirmação. Tanto que o campeão mineiro deste ano não dependeu dos gols de um único e iluminado artilheiro para fechar sua maravilhosa campanha. A tarefa de balançar as redes inimigas, de certo modo, foi democraticamente dividida. Excetuando-se dois marcados contra, a Raposa contou com 14 jogadores para contabilizar 47 gols no campeonato. Róbson e Ernâni, goleadores da equipe *(leia o quadro da página ao lado)*, com sete gols cada um, apareceram na lista de artilheiros do certame apenas em oitavo lugar.

Outro ponto importante que levou o time celeste ao título foi a homogeneidade do elenco. Nada menos que 28 atletas foram à luta. Não se pense, porém, que isso lhe tenha custado desentrosamento. O Cruzeiro, ao contrário, cruzou todo seu percurso atrelado sempre a um mesmo time-base. As substituições foram mais por conta de contusões e cartões punitivos. Prova maior do entendimento foi o fato de os torcedores, no final do campeonato, saberem na ponta da língua a escalação do time: Gomes, Balu, Vilmar,

CAMPANHA

Foram 36 jogos, 22 vitórias, nove empates e cinco derrotas. Seu ataque marcou 47 gols e a defesa sofreu apenas quinze. A campanha:

Tupi: 4 x 0, 1 x 2 e 0 x 0
Atlético-TC: 2 x 1 e 2 x 0
Caldense: 1 x 0 e 1 x 0
América: 1 x 2 e 1 x 0
Nacional: 2 x 0 e 1 x 0
Uberaba: 0 x 1 e 1 x 1
Democrata-SL: 1 x 0 e 0 x 0
Rio Branco: 1 x 0 e 0 x 0
Esportivo: 0 x 1 e 1 x 0
Valério: 0 x 0, 3 x 2 e 2 x 0
Fabril: 1 x 0 e 0 x 0
Villa Nova: 5 x 1, 0 x 0 e 0 x 0
Democrata-GV: 2 x 0 e 3 x 0
Uberlândia: 2 x 0 e 2 x 0
Atlético: 1 x 0, 2 x 1, 2 x 3, 0 x 0 e 2 x 0

Gilmar Francisco e Genílson; Douglas, Ademir e Careca; Róbson, Vanderlei e Édson.

Foi com esta formação, por sinal, que a Raposa entrou em campo no dia 2 de agosto para destroçar o Galo (2 x 0) e colocar de vez as mãos no troféu. Os mais observadores poderão reclamar das ausências de Geraldão, Heriberto, Eduardo e Hamílton. Nenhum deles entrou na reta final envergando a camisa titular. Mas até por trás desses desfalques — digamos — escondiam-se justificativas para o sucesso do Cruzeiro.

GLADSTONE CAMPOS

O grandalhão Careca, 18 anos, dono da camisa 10 celeste: uma revelação surgida em casa

GRITO DEMORADO — Geraldão, na verdade, só não disputou as finais porque ficou sem contrato. Mas — a exemplo de Douglas — permaneceu mais a serviço da Seleção Brasileira do que do clube nesta temporada. O vigoroso Vilmar substituiu-o sem comprometer a defesa. E a massa celeste ficou duplamente feliz. Afinal, fazia seis anos — desde a convocação do ponta-esquerda Joãozinho, em 1981 — que a Raposa não tinha representatividade na equipe da CBF. A solitária exceção ficava por conta do próprio Douglas, que integrou a Seleção da Copa América, em 1983. Este ano, não bastassem os dois jogadores, o campeão mineiro cedeu também o treinador Carlos Alberto Silva, o médico Ronaldo Nazaré, o preparador físico Odilon Guimarães e o massagista Teotônio.

O Cruzeiro começou o returno sob o comando de Paulinho de Almeida. Depois de três vitórias e dois empates, ele foi seduzido por uma proposta do exterior. Rui Guimarães, um ex-preparador físico que há seis anos abraça a profissão de técnico, assumiu o posto. Veio da Caldense, de Poços de Caldas, mas comandara antes os juniores do próprio Cruzeiro. Ou seja: conhecia muito bem os jogadores que tinha à disposição. Não deu outra: com ele à frente, a equipe venceu sete jogos, empatou quatro e perdeu um. Assim, Careca, 18 anos, e Vanderlei, 21, se revelaram e foram fundamentais na conquista.

O Cruzeiro, enfim, deu mostra de atrevimento, embora não fosse esnobe. Foi humilde, original e fez a massa azul e branco soltar um grito preso na garganta há dez anos.

Bruno Bittencourt

ARTILHEIROS

RÓBSON E ERNÂNI

Dois jogadores do Cruzeiro cumpriram bem sua nobre tarefa de balançar as redes adversárias. Ernâni e Róbson, com sete gols cada, foram os artilheiros do campeão mineiro. Embora superada por Luisão, do Tupi, e Carlos Henrique, do Uberlândia — goleadores do campeonato com doze gols cada —, a dupla celeste deixou a torcida satisfeita.

O ponta-direita Róbson Caetano Duarte, 28 anos (8/2/59), é mineiro de Belo Horizonte. Brilhou no Galícia e no Bahia, mas voltou a sua terra. "Sou pé-quente", costuma afirmar. O armador Almir Ernâni de Souza, 25 anos (7/3/62), é carioca. Depois do Vasco da Gama, no qual começou, defendeu o Atlético Paranaense. No ano passado, chegou ao Cruzeiro. Porém, brigou com o técnico Rui Guimarães, e até do banco de reservas sumiu, no final do campeonato.

AMANCIO CHIODI

Róbson

IGNACIO FERREIRA

Ernâni

CRUZEIRO

Em pé: Ademir Patrício, Geraldão, Eugênio, Ânderson, Mauro, João Batista, Vilmar, Tito, Marcão, Douglas, Gomes, Catita e Odilon Gu
Beto, Careca, Eduardo, Gil, Balu, Hamílton, Rui Guimarães (técnico) e Marcos Lopes Sá (prep. físico); abaixo: Ronaldinho, Heriberto,

CAMPEÃO MINEIRO 1987

FOTO GLADSTONE CAMPOS

uimarães (prep. físico); no centro: Róbson, Adil, Wellington, Genílson, Jordan, Gilmar Francisco, Ademir, Édson, Vanderlei e Gilmar Padilha

DELÍRIO COLORIDO NA ILHA DO LEÃO

Com novas e brilhantes contratações, o tricolor do Arruda superou seu maior rival fora de casa e repetiu a grande festa do ano passado

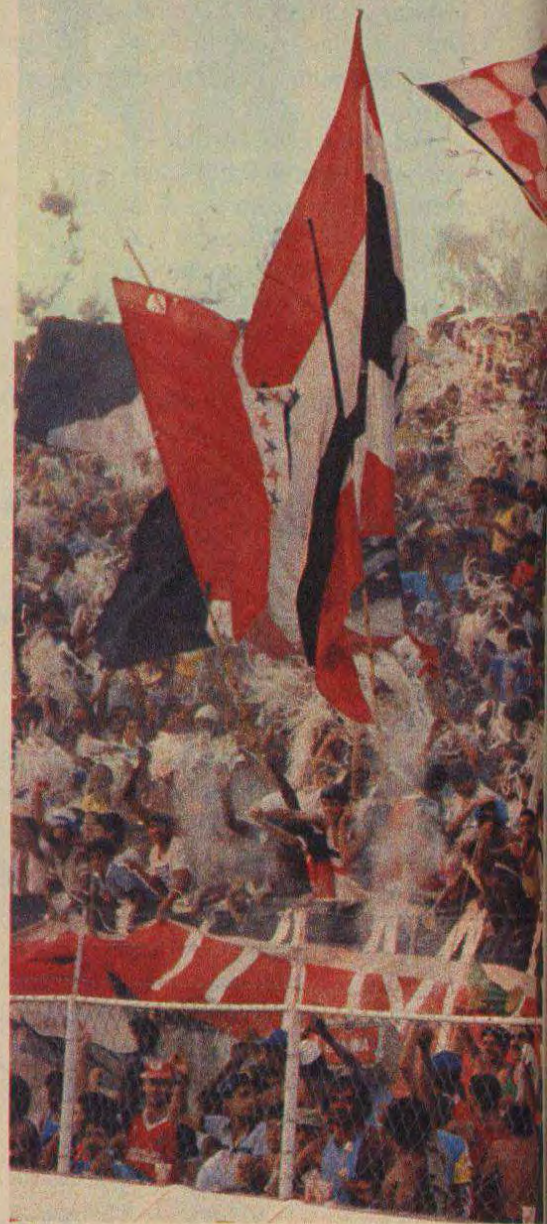
A Copa Brasil de 1986 não havia sido favorável ao Santa Cruz. O clube fez uma série de investimentos, mas os novos jogadores decepcionaram a torcida. O bicampeão pernambucano acabou fazendo uma de suas piores campanhas em competições nacionais.

Basta lembrar que se classificou na primeira fase unicamente graças ao prestígio político do à época ministro-chefe da Casa Civil Marco Maciel — um de seus ilustres torcedores. A tragédia só não foi fatal porque o tricolor ainda conseguiu se posicionar entre os 28 clubes que, de acordo com o regulamento de ocasião, formariam a Primeira Divisão em 1987.

No entanto, ninguém se iludia com a situação. "Era preciso mudar", recorda o presidente José Neves. Ainda em janeiro deste ano, ele foi buscar o técnico Paulinho de Almeida. Em seguida, iniciou uma série de contratações: Édson, Luís Oliveira, Ataíde, Ademir, Duda, Gílson Gênio e Dadinho.

Ainda assim, os torcedores não demonstraram empolgação. O Santa começou sua campanha no estadual de forma brilhante. Só mesmo a partir da primeira decisão, porém, no dia 28 de março, mostrou força e provou que estava no caminho do bi. Num clássico inesquecível na Ilha do Retiro, empatou de 0 x 0 com o Sport, seu mais ferrenho ri-

O aplicado zagueiro Ivã: oferecendo segurança numa defesa eficiente

CARLOS FENERICH

A incontrolável explosão da torcida do Santa Cruz, um

JOSENILDO TENORIO

sinal de fé inabalável em seus heróis: bandeiras ao vento empurrando o time para a frente

val. "Ali, muita gente passou a acreditar nos novos reforços", conta o capitão e volante Zé do Carmo.

ESPÍRITO DE 1983 — Equilibrado, o time avisava que estava esperto também para o segundo turno. O artilheiro Dadinho finalmente havia explodido e começava a conquistar seu espaço de ídolo. O Sport, no entanto, era uma ameaça permanente. Além de contar com Leão no gol, o rubro-negro contratou craques como Ribamar, Robertinho e Éder. Assim, venceu o returno e assegurou um lugar nas finais. Em meio a alguns equívocos, o técnico Paulinho de Almeida foi despedido. O assistente Pedrinho assumiu seu posto, mas logo chegou ao Arruda o ex-zagueiro vascaíno Abel, que comandava o Galícia, de Salvador.

Duas derrotas seguidas para times grandes — Náutico (3 x 1) e Sport (1 x 0) — mexeram com os brios dos jogadores do Santa. Aos poucos, Abel foi introduzindo alterações fundamentais sob o ponto de vista tático. Promoveu, por exemplo, o garoto Sérgio China, 19 anos, como titular no meio-campo. A equipe passou a jogar de forma mais solidária — defesa quase imbatível, sob a orientação de Ivã, armação e desarme eficientíssimos no meio e um ataque com dois pontas abertos e cruzando sem cessar para os gols de Dadinho. "Baixou o mesmo espírito de 1983", compara o veterano goleiro Luís Neto, ao se lembrar da memorável façanha do título de quatro anos atrás. O primeiro adversário na segunda fase do terceiro turno foi o Náutico, a quem os tricolores venceram por 2 x 0. Esse foi um passo importante para acabar com o complô armado pelo próprio Náutico e o Sport. Ambos queriam impedir que▷

Na hora da decisão, bastaram dois empates

o Santa ganhasse o terceiro turno e levasse vantagem na hora da decisão do título. Mas não deu certo: o tricolor faturou a fase com um triunfo de 1 x 0 sobre o Sport.

Parecia, enfim, que o bicampeonato estava bem perto. Com mais dois empates, em duas partidas extras, o Santa colocaria as mãos num título que se transformou no mais cobiçado de sua história.

DERROTA NO SORTEIO — O primeiro obstáculo a ser superado foi o Náutico. Bastou o empate de 1 x 1. Em seguida, veio o Sport. O Santa começou perdendo no sorteio para o mando de jogo. "Pouco importa", disse o confiante José Neves. Ele tinha motivos para aparentar tranqüilidade: nos últimos três clássicos, seu time não havia perdido nenhum contra o Leão.

O Estádio da Ilha do Retiro foi totalmente ocupado por duas estridentes torcidas. E, ao final de uma partida nervosa, o empate de 1 x 1 deu o bicampeonato ao Santa Cruz. Em delírio, seus torcedores passaram a chamar o templo inimigo de "casa de festas".

Claudemir Gomes

FOTOS JOSENILDO TENORIO

A euforia no momento de posse da taça: um merecido vigésimo título estadual

ARTILHEIRO

DADINHO

O paulista Dadinho, nascido em Santo André, estourou definitivamente no Nordeste. Depois de ser goleador do Remo e do Campeonato Paraense em 1986, ele se transferiu para o Santa Cruz disposto a confirmar sua fama.

Feliz mudança. Eduardo Soares, 28 anos (1,80 m e 78 kg), um ex-ajustador mecânico da General Electric na região do ABC em São Paulo, assinalou 19 gols. E transformou-se no artilheiro do Santa Cruz e do próprio Campeonato Pernambucano.

Candidato a deputado estadual pelo PT paraense nas últimas eleições, ele não obteve nas urnas o mesmo sucesso que desfruta no gramado. "Consegui uns 3 000 votos", supõe. "Nem fui conferir." Sua maior luta agora é com o peso. "Brigo com a balança porque engordo fácil."

CAMPANHA

Foram 36 jogos, 21 vitórias, nove empates e seis derrotas. O ataque do Santa Cruz marcou sessenta gols e sofreu 21. Eis os resultados:

Atlético: 2 x 0, 4 x 0, 3 x 0 e 1 x 1
Paulistano: 0 x 0, 2 x 0, 1 x 1, 1 x 0, 1 x 0 e 1 x 1
Náutico: 3 x 1, 0 x 2, 0 x 0, 1 x 1, 1 x 3, 2 x 0 e 1 x 1
América: 4 x 0, 1 x 0, 5 x 1 e 7 x 0
Central: 2 x 0, 1 x 0, 1 x 2, 1 x 0, 1 x 0 e 0 x 1
Sport: 0 x 0, 2 x 0, 2 x 3, 1 x 2, 1 x 0, 1 x 0 e 1 x 1
Santo Amaro: 2 x 0 e 3 x 0

SANTA CRUZ

Em pé: Birigüi, Ivã, Orlando, China, Zé do Carmo e Lóti; agachados: Édson, Ataíde, Dadinho, Rinaldo e Gílson Gênio

BICAMPEÃO PERNAMBUCANO 1986/1987

FOTO JOSENILDO TENÓRIO

UMA QUESTÃO DE PURA JUSTIÇA

O tricolor perdeu apenas um dos 36 jogos que disputou e passeou tranqüilamente sem que nenhum adversário lhe oferecesse uma ameaça maior

Bahia

Bicampeão Baiano

Assim que o juiz apitou o final de Bahia 2 x Catuense 1, dia 23 de agosto, na Fonte Nova, o técnico Orlando Fantoni puxou um longo suspiro de alívio. ''Merecemos o título'', desabafou. Terminava ali toda a sua apreensão. Na verdade, o tricolor chegou ao bicampeonato com toda a justiça. Perdeu apenas um jogo dos 36 que disputou — exatamente diante do mais uma vez surpreendente finalista Catuense. A angústia de Fantoni, porém, tinha motivos: para a partida decisiva, o técnico não pôde contar com Claudir, contundido, nem com Sales, suspenso. E a força do Bahia durante toda a competição sempre fora garantida por jovens como eles. Uma tradição, aliás, costumeiramente seguida por Fantoni nos clubes que dirige.

Foi assim também agora, no 22.º título conquistado pelo treinador em sua carreira. Depois do Campeonato Brasileiro, o Bahia perdeu algumas peças importantes: o zagueiro Estevam, o centroavante Cláudio Adão e o volante Paulo Martins mudaram de clube. O ponta-de-lança Bobô sofreu uma grave contusão na decisão do primeiro turno. Fantoni, então, não teve outra saída a não ser promover jovens promessas. Subiram com ele o zagueiro-central João Marcelo, o volante Chamusca, o ponta-de-lança Charles, o lateral-esquerdo Émerson, o ponta-direita Zé Carlos. ''Saí há dois anos dos juniores e me sinto hoje como um veterano'', conta Zé Carlos, 22 anos. ''O futuro do Bahia é esta garotada'', orgulha-se Fantoni. ''E o Campeonato Baiano serve para testá-los.''

RIVAL TRADICIONAL — Esta tranqüilidade do treinador é conseqüência do claro distanciamento técnico entre o Bahia e as outras equipes. A maior ▷

CARLOS CATELA

Fonte Nova, 23 de agosto: aos 15 minutos do segundo tempo, Marquinhos faz 2 x 0 na Catuense e assegura o bicampeonato

Campeão pela 36.ª vez. O Bahia nasceu para vencer

ameaça este ano veio do interior do Estado, a Catuense. O time venceu o primeiro turno e decidiu o título com o tricolor. Um rival que já se vai tornando tradicional: desde que ascendeu à Divisão Especial, em 1981, a Catuense enfrentou o Bahia 39 vezes. Ganhou nove, empatou quinze e perdeu outras quinze. Em jogo de decisão, entretanto, experiência e tradição contam alguns pontos fundamentais. Além disso, o Bahia sempre foi tido como o maior favorito ao título — ainda mais com o tradicional rival Vitória afastado das finais. Até os adversários reconheciam a superioridade tricolor. "Eles são os melhores em todos os aspectos", reconhecia o zagueiro Polozi, jogador e técnico do Serrano. Até o pessoal do Vitória precisou se render às evidências. Com uma ressalva do ponta-esquerda Edu: "O Bahia pode ser campeão, mas não conseguiu ganhar nenhuma da gente", observou ele. De fato: não ganhou, mas também não perdeu. Nos quatro Ba-Vis do campeonato, só deu empate.

O técnico Fantoni: 22.º título

A ausência do Vitória diminuiu a emoção da conquista do título pelo Bahia. O público do jogo decisivo não passou de 14 000 pessoas. E ainda teve a chuva para atrapalhar a festa. Nem a água que caía, porém, era suficiente para esfriar o ânimo dos jogadores. Tanto que o juiz expulsou dois logo de cara — os zagueiros Pereira e Miranda, um de cada equipe. A maior tarimba tricolor, entretanto, ajudou o grupo a tirar partido da situação. Acima de tudo, o time tinha um craque que desequilibra: Sandro.

Ironia para a Catuense, foi de lá que Sandro saiu para brilhar no Bahia, emprestado para disputar a Copa Brasil de 1986. "Quero ficar no Bahia para ser campeão", decidiu antes do regional, quando precisou definir sua preferência. Sandro foi quem marcou o primeiro gol na partida final, abrindo o caminho da vitória aos 10 minutos do segundo tempo. Cinco minutos depois, Marquinhos fez 2 x 0. Nem o gol da Catuense, aos 32 minutos, atrapalhou a comemoração da torcida na Fonte Nova.

FOTOS ANTONIO CARLOS MAFALDA

Carnaval de uma fanática torcida: faltou apenas o som do trio elétrico

LOUCURA EM CAMPO — A festa nas arquibancadas — e depois em pleno gramado — foi a demonstração do fanatismo que representa a paixão pelo Bahia. O zagueiro João Marcelo precisou brigar para escapar dos torcedores. Previdente, o lateral Zanata abandonou o campo quando ainda faltavam 2 minutos para o jogo acabar. Faltou apenas a presença do trio elétrico — danificado pela chuva — para reviver uma antiga tradição: puxar a massa formada por jogadores e torcedores rumo à Igreja do Bonfim, onde se costuma celebrar o ritual de mais um campeonato conquistado. E o Bahia, fundado em 1931, repete pela 36.ª vez este rito vitorioso. A alegria de cada título reforça o slogan criado no dia da fundação: "Nasceu para vencer". Com toda a justiça.

Washington de Souza Filho

Joãozinho e Zé Carlos, com a mão na taça: ninguém segurou o bom Bahia

ARTILHEIRO

RONALDO MARQUES

O orgulho de querer ser o artilheiro do Campeonato Baiano sem marcar gols de pênalti fez o centroavante Ronaldo Marques, do Bahia, ficar um gol atrás do principal goleador do certame. Ronaldo assinalou dezessete; Vandick, da Catuense, chegou aos dezoito — sendo seis de pênalti. "Foi uma posição pessoal", explica o atacante tricolor. "Não sou egoísta e estava mais preocupado com o título." O altruísmo de Ronaldo Marques — 25 anos, mineiro de Além-Paraíba — foi de grande importância para o time na campanha do bicampeonato. Não raras vezes, ele se transformava em zagueiro, só para ajudar a equipe lá atrás quando as coisas apertavam.

Contratado pelo Bahia junto ao Botafogo de Ribeirão Preto, Ronaldo não lamenta ter chegado à artilharia máxima baiana. Mas, brincadeira ou não, diz guardar uma certa mágoa do técnico Orlando Fantoni. "Ele me deixou na reserva em alguns jogos porque não queria que eu fizesse gols", conta. "É que o Vandick é parente dele." De qualquer forma, o artilheiro do Bahia se sente feliz. "Minha preocupação não era ser o goleador, mas dar a volta olímpica como campeão", encerra o assunto.

CAMPANHA

O Bahia disputou 36 jogos. Venceu 25, empatou dez e perdeu apenas um. Seu ataque fez 65 gols e a defesa levou 23. A campanha:

Catuense: 2 x 1, 1 x 2, 2 x 2, 3 x 3, 2 x 1 e 2 x 1
Atlético: 2 x 1, 4 x 0, 2 x 1 e 2 x 0
Leônico: 3 x 2 e 2 x 1
Vitória: 0 x 0, 0 x 0, 1 x 1 e 1 x 1
Botafogo: 1 x 0 e 1 x 1
Itabuna: 2 x 1, 0 x 0, 1 x 0 e 3 x 0
Galícia: 3 x 0 e 3 x 0
Ypiranga: 2 x 0 e 2 x 0
Serrano: 0 x 0, 1 x 0, 2 x 1, 3 x 0, 0 x 0 e 1 x 0
Bahia de Feira: 4 x 0 e 3 x 2
Fluminense: 2 x 1 e 2 x 0

BAHIA

Em pé, acima: Ronaldo Passos, Sales, Émerson, Rogério, Claudir, Charles, Zanata, Joãozinho, Pereira, João Marcelo e Ricardo; no c
Orlando Fantoni (técnico), Pedrinho (mass.), Jorge Lago (prep. físico), Luciano Reis (prep. físico) e Xixarro (roupeiro); sentados: Cham

BICAMPEÃO BAIANO 1986/1987

FOTO ANTONIO CARLOS MAFALDA

ntro: Orlando Aragão (sup.), Fernando Moreira (dir. de futebol), Raimundo Deiró (vice-presidente), Paulo Maracajá (presidente), sca, Sandro, Marquinhos, Leandro, Zé Carlos, Dico, Bobô, Ronaldo Marques, Osmar, Sousa, Edinho e Chiquinho

UM BRILHO TRÊS VEZES MAIS FORTE

Numa curiosa combinação, o Grêmio utilizou três técnicos numa campanha que atravessou três estações do tempo e conquistou um trilegal

Grêmio

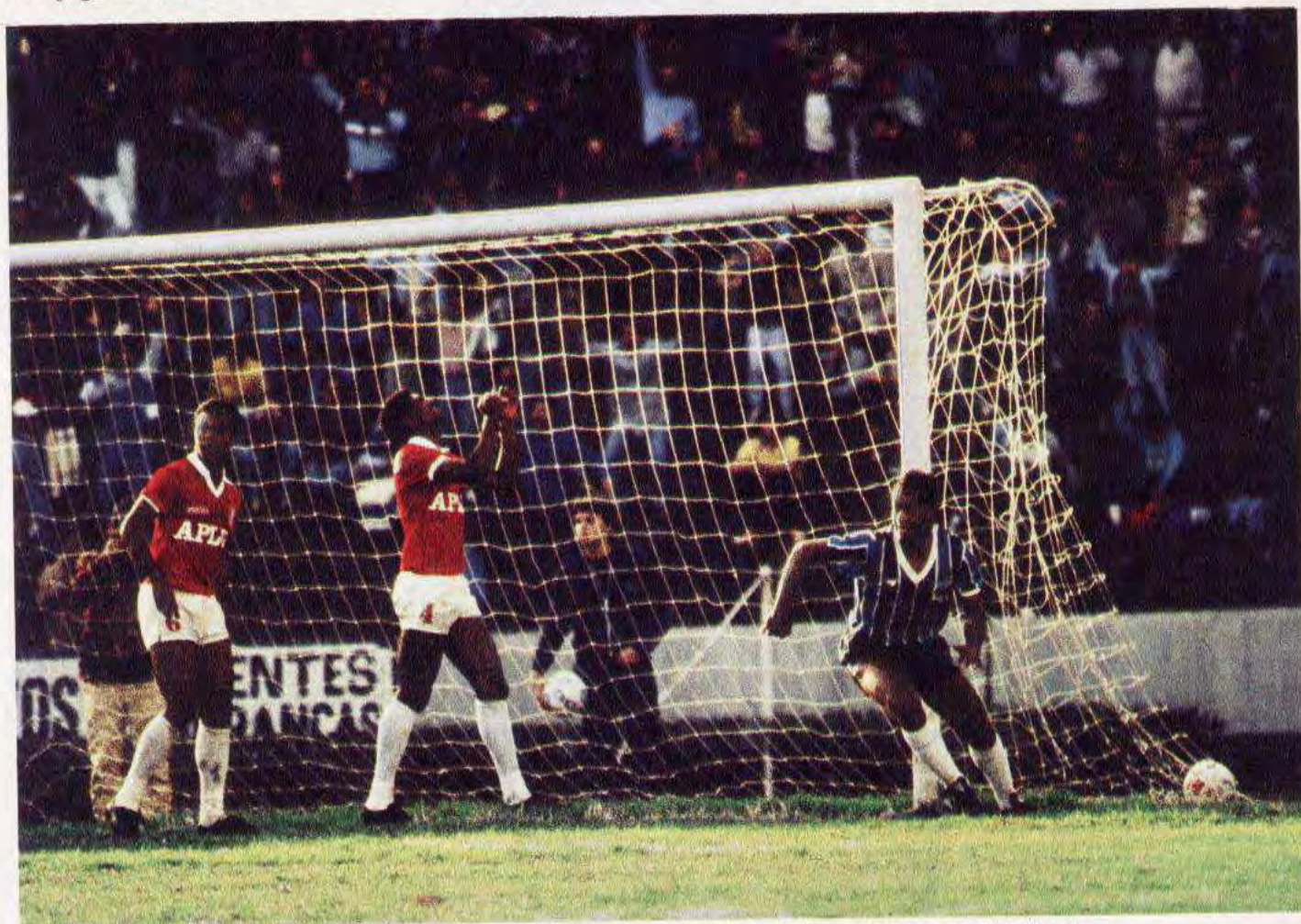
Tricampeão Gaúcho

Desde a Copa do Mundo de 1970, a palavra tricampeão — ou sua simplificação, tri — parece espelhar um significado mágico. Alguns torcedores acham, por exemplo, que essa façanha é mais saborosa que um tetra ou um penta. Talvez aí esteja a explicação para a enorme euforia que o tricampeonato gaúcho despertou nos jogadores e na torcida do Grêmio. Afinal, a nação tricolor não celebrava o tri desde 1964. Ou seja: há 23 anos.

Interessante é que, para chegar ao título, foi marcante a presença do três. Ele partilhou toda a trajetória gremista. O time das três cores chegou ao terceiro título consecutivo depois de utilizar um trio de técnicos. E, pelo menos em três momentos decisivos, o Grêmio chegou à vitória marcando, é claro, três gols.

Só que a conquista do título gaúcho não se resumiu aos efeitos cabalísticos do número 3 nem se fez por obra e graça divina, embora, o Pai, o Filho e o Espírito Santo muito provavelmente tenham sido chamados a atuar em algumas ocasiões.

O ACROBATA E O MAESTRO — O feito gremista teve muito da garra, simbolizada na forma carismática — meio acrobática e até mesmo suicida — de defender, do zagueiro chileno Astengo. Contou, também, com o incansável trabalho de armador do meia Bonamigo, que se revelou mais tarde um reboteiro contumaz. Não faltaram ainda o oportunismo e o talento do centroavante Lima, artilheiro da equipe com quinze gols *(leia o quadro)*. E, sobretudo, a habilidade do maestro Valdo, um virtuoso que esteve afastado de sua orquestra servindo a Seleção Brasileira durante a maior parte do concer- ▷

NICO ESTEVES

A vibração do artilheiro Lima e o desespero colorado: marcando dois gols no jogo decisivo e calando a torcida inimiga

ADOLFO GERCHMANN

Estádio Olímpico, 19 de julho de 1987: depois de uma batalha inesquecível, a volta olímpica dos tricolores

O ponta-esquerda Jorge Veras: a emoção de um belíssimo gol na final

to. Retornou, no entanto, a tempo de comandar o Grêmio nos acordes finais.

Apesar do crescimento técnico das equipes do interior — Esportivo, Caxias e Juventude armaram excelentes times este ano —, o título gaúcho mais uma vez foi decidido no confronto direto entre os dois grandes — Grêmio e Internacional. E foi nos Gre-Nais que a superioridade tricolor ficou retratada: dos nove clássicos disputados ao longo do campeonato, a equipe do Olímpico venceu quatro, empatou outros quatro e perdeu apenas um.

Com um retrospecto desses sobre o arquiinimigo, como não ser campeão? O início, porém, não foi muito animador. Ainda abalado pela desclassificação na Copa Brasil e com o técnico interino Zeca Rodrigues, que substituiu Candinho, o Grêmio estreou com uma derrota em pleno Olímpico para o Caxias: 1 x 0, gol do centroavante Bizu, que depois seria cedido ao Palmeiras.

Enquanto o Inter arrancava com tudo, ao vencer seus sete primeiros jogos, marcando 20 gols sem sofrer um sequer, o tricolor mantinha uma campanha irregular, certo de que a fase de classificação, dividida em dois turnos e dois quadrangulares, pouco acrescentaria para a definição final do campeonato. Além dos dois pontos extras, o longo périplo serviria apenas para qualificar seis das quatorze equipes para o hexagonal decisivo.

Somente no final do primeiro turno os cartolas gremistas fizeram desembarcar em Porto Alegre o novo técnico: o uruguaio Juan Mugica, que chegava à capital gaúcha ostentando a faixa de campeão mundial interclubes com o Nacional, de Montevidéu, em 1980, depois de haver derrotado, na final da Taça Libertadores, o próprio Internacional. A contratação vinha coberta pela ousadia financeira dos dirigentes, que acertaram salários de aproximadamente 5 000 dólares — cerca de 250 000 cruzados no câmbio atual — para cada um da dupla formada pelo treinador e seu amigo, o preparador físico Esteban Gesto.

O meia Bonamigo: armando o jogo

Mas a trajetória de Mugica no Grêmio não teve final feliz. Apesar de conseguir um saldo favorável nos confrontos contra o Internacional, o técnico uruguaio não permaneceu mais que três meses no clube. Foi vencido por uma estatística bastante incomum: em dez partidas dentro do Estádio Olímpico contra equipes menores, venceu quatro, empatou quatro e perdeu duas. Algo inaceitável para os padrões gaúchos, segundo os quais as dificuldades só podem existir em gramados do interior.

BREGA E CHIQUE — Para o lugar do treinador chique, os cartolas gremistas foram buscar um técnico brega, criado no melhor estilo do interior gaúcho: Luís Filipe, o ex-zagueiro do vigoroso Caxias. Ele fora o responsável pela surpreendente campanha do Brasil, de Pelotas, terceiro colocado na Copa Brasil de 1985.

O técnico se firmou definitivamente num Gre-Nal. Uma verdadeira avalanche tricolor resultou numa goleada de 3 x 0, construída por Cristóvão, Lima e Alfinete, mas arquitetada pelo endiabrado Valdo. Uma festa que adiou a decisão do segundo ponto extra para uma nova partida entre ambas as forças, dois dias depois.

E a história deste confronto não seria diferente se os colorados não

Empolgação e força: um dos grandes segredos do sucesso gremista

tivessem tomado uma medida providencial: pegaram o goleiro Taffarel no aeroporto, desembarcando com a Seleção de Novos de uma viagem de dezoito horas. O chamado Diabo Loiro garantiu a vitória do Inter nos pênaltis.

O Grêmio, contudo, seguiu em frente. Entrou no hexagonal decisivo com um ponto atrás do Caxias e do Inter, mas com a certeza de que era o principal candidato ao título. Antes da penúltima rodada, tudo fazia crer que o Inter iria conseguir manter a vantagem do ponto extra até a decisão. Um surpreendente empate de 0 x 0 em pleno Beira-Rio com o Esportivo igualou a situação. Enquanto isso, o Grêmio passava pela pedreira do Estádio Bento Freitas, do Brasil de Pelotas, com um suado 3 x 2. Olha o numerozinho aí de novo.

No ensolarado domingo do dia 19 de julho, a igualdade entre a dupla só resistiu a 1 minuto e 40 segundos. O Grêmio começou arrasador e em 18 minutos vencia por 3 x 0. O Inter ainda tentou reagir, fez dois gols, mas não conseguiu virar o jogo.

Foi a vitória da técnica, da garra e da eficiência, num campeonato que atravessou três estações: começou no verão, percorreu o outono e terminou no chuvoso inverno gaúcho. E, enfim, derrotando os elementos da natureza, os formulismos e os adversários, o Grêmio chegou ao tricampeonato. Um tri em todos os sentidos.

Álvaro Almeida

ARTILHEIRO

LIMA

Em meio ao campeonato, enquanto o centroavante Lima disputava gol a gol a liderança da tabela de artilheiros com o rival Amarildo, do Inter, o atacante colorado declarou: "Prefiro ser campeão. Ele que seja o goleador". Deu o contrário, para a felicidade do sul-mato-grossense Adesvaldo José de Lima, um atacante de 24 anos.

Depois de passar por Operário, Corinthians, Santos e Naútico, ele foi contratado pelo Grêmio no ano passado. Agora, no estadual, fez quinze gols contra dezessete de Amarildo. E revelou um nova faceta: cansado de esperar, começou a sair da área para buscar a bola e armar perigosas jogadas de ataque.

Penou com um jejum de oito partidas e somente marcou um gol no Inter depois do sexto clássico. Ele sonha com uma oportunidade na Seleção Brasileira. "A Copa Brasil é o cenário ideal para mostrar todo o meu futebol", confia.

CAMPANHA

O Grêmio realizou uma verdadeira maratona de 49 jogos para chegar ao tri. Venceu 24, empatou dezoito e perdeu sete. Seu ataque marcou 66 gols e sua defesa sofreu 32. A campanha:

Caxias: 0 x 1, 0 x 0, 2 x 2, 1 x 0, 1 x 1 e 1 x 1
São Paulo: 2 x 1 e 4 x 0
São Borja: 1 x 0 e 0 x 0
Inter-SM: 1 x 0, 0 x 1, 1 x 0 e 1 x 0
Lajeadense: 2 x 1 e 3 x 1
Passo Fundo: 0 x 0 e 4 x 1
Pelotas: 3 x 0 e 1 x 0
Juventude: 1 x 1, 1 x 1, 0 x 1, 0 x 1, 2 x 2, 0 x 0, 2 x 0 e 2 x 1
Brasil: 1 x 1, 0 x 0, 1 x 0 e 3 x 2
Santa Cruz: 3 x 0 e 2 x 0
Esportivo: 1 x 3, 0 x 1, 4 x 0 e 0 x 0
Novo Hamburgo: 3 x 1 e 0 x 0
Internacional: 2 x 2, 2 x 1, 1 x 0, 0 x 1, 1 x 1, 3 x 0 0 x 0, 0 x 0 e 3 x 2

GRÊMIO

Em pé: Mazarópi, Henrique, Alfinete, China, Luís Eduardo e Casemiro; agachados: Valdo, Cristóvão, Lima, Bonamigo e Jorge Veras.

TRICAMPEÃO GAÚCHO 1985/1986/1987

FOTOS NICO ESTEVES

s. No destaque, Astengo

INSTITUTO UNIVE

A maior e mais perfeita organização

Roraim

Faça você também o que já fizeram DOIS MILHÕES E DUZENTAS MIL PESSOAS !

Nossa escola atinge, com rapidez e eficiência, todos os pontos do território brasileiro, ministrando, através de professores altamente especializados, um ensino minucioso e objetivo, de resultados práticos imediatos.

Afinal

Amazonas

Acre

Rondônia

NOVOS CURSOS

ELETRÔNICA DIGITAL

ESPECIALIZAÇÃO EM VIDEO - CASSETE (Manut. e reparo)

NOSSOS CURSOS SÃO PRÁTICOS E OBJETIVOS!

BELEZA DA MULHER

AGROPECUÁRIA

MESTRE DE OBRAS (edificações)

MECÂNICA DE MOTO

MECÂNICA DE AUTOMÓVEIS

SUPLETIVO DE 1.º GRAU

SUPLETIVO DE 2.º GRAU

CORTE E COSTURA

DESENHO ARTÍSTICO E PUBLICITÁRIO

DESENHO DE MECÂNICA

DESENHO ARQUITETÔNICO

ELETRICIDADE DE AUTOMÓVEIS

SECRETARIADO MODERNO

CONTABILIDADE PRÁTICA

AUXILIAR EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO

AUXILIAR DE ENFERMAGEM

BORDADO, TRICÔ E CROCHÊ

ELETRICIDADE

AUXILIAR DE ESCRITÓRIO

TORNEIRO MECÂNICO

INGLÊS

MECÂNICA GERAL

PORTUGUÊS (1.º E 2.º GRAUS)

MATEMÁTICA (1.º E 2.º GRAUS)

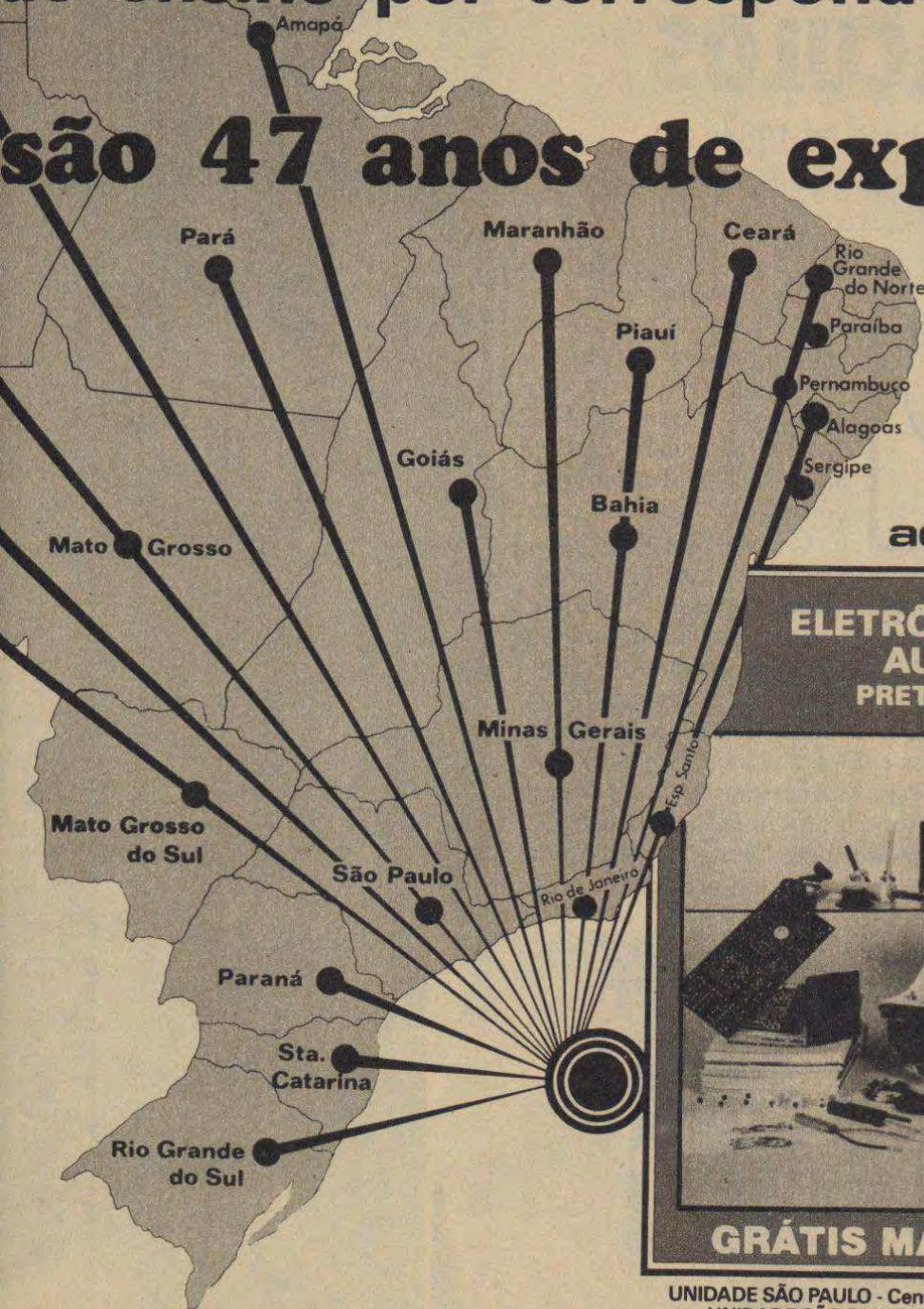
CINEMA SUPER 8

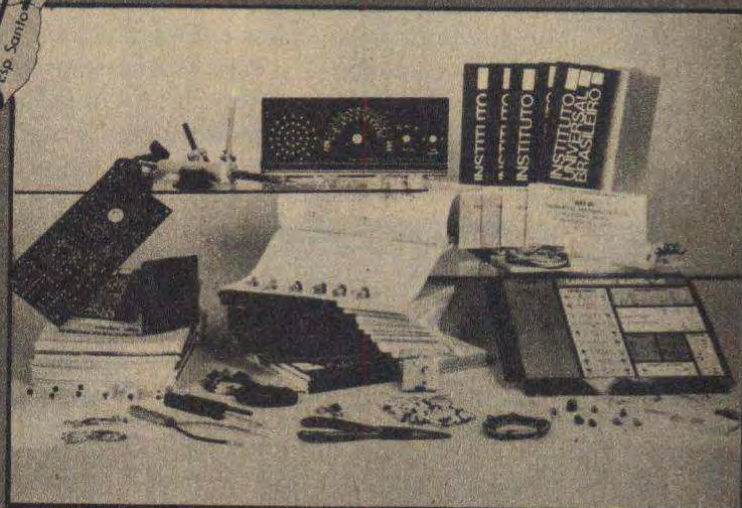
FOTOGRAFIA

MATERIAL DE APRENDIZAGEM GRÁTIS!

RSAL BRASILEIRO

de ensino por correspondência do país!

são 47 anos de experiência!

Matricule-se com urgência e receba as lições do curso escolhido, bem como todo o material necessário GRATUITAMENTE.

Mensalidades ao alcance de todos.

UNIDADE SÃO PAULO - Centro: Av. Rio Branco, 781 (esq. c/ Av. Duque de Caxias)
UNIDADE SÃO PAULO - Santo Amaro: R. Promotor Gabriel Nettuzi Peres, 436
UNIDADE RIO DE JANEIRO: Rua Riachuelo, 159 (próximo aos Arcos da Lapa)
UNIDADE BELO HORIZONTE: Av. Augusto de Lima, 233, s/ lojas 55/56, Ed. Maleta
UNIDADE SALVADOR: R. Marujos do Brasil, 5-B, Ed. André Luis, Bairro Tororó

MANDE O CUPOM ABAIXO OU ESCREVA-NOS HOJE MESMO.

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Avenida Rio Branco, 781
Cx. Postal 5058 - São Paulo - CEP 01000

Senhor Diretor: Peço enviar-me GRATIS o folheto completo sobre o curso de
______________________ por correspondência.
INDICAR O CURSO DESEJADO

Nome ______________________
Rua ______________________ **N.º** ______
CEP ______ **Bairro** ______________ **Cx. Postal** ______
Cidade ______________________ **Estado** ______

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Avenida Rio Branco, 781
Cx. Postal 5058 - São Paulo - CEP 01000

Senhor Diretor: Peço enviar-me GRATIS o folheto completo sobre o curso de
______________________ por correspondência.
INDICAR O CURSO DESEJADO

Nome ______________________
Rua ______________________ **N.º** ______
CEP ______ **Bairro** ______________ **Cx. Postal** ______
Cidade ______________________ **Estado** ______

STE CUPOM É SEU.

DRIBLANDO TODOS OS OBSTÁCULOS

Com a base do time campeão de 1984, o Pinheiros mostrou muita força, garra e agiu até nos bastidores para vestir novas faixas

O Pinheiros é o maior e mais organizado clube do Paraná. Por isso, quando seus jogadores se reapresentaram depois das férias, exatamente no dia 4 de janeiro, a comissão técnica comandada por Cláudio Duarte e o preparador físico Luís Carlos Neves tinha absoluta certeza de que o time novamente disputaria o título.

Motivos não faltavam. Apesar das saídas de Jatobá e Norberto, o time mantinha a mesma base campeã em 1984 e vice nos dois anos seguintes. Mais que isso, contudo, pela primeira vez nesses anos todos era possível fazer um planejamento técnico para um campeonato.

No primeiro turno, a equipe foi além das expectativas: ganhou o título — e a vaga para o hexagonal decisivo — sem perder. Até a nona rodada, porém, havia quem desconfiasse do time. No clássico com o Coritiba, quando Lela marcou o primeiro gol logo aos 5 minutos, parecia que um fantasma estava de volta — a tremedeira no duelo com o rival. Engano. "Sepultamos um monstro ao vencer por 3 x 1", conta o meia Marinho, 36 anos e líder da equipe.

Para os que se assustaram com a performance do Pinheiros naquele primeiro turno, bastaria o envio de um olheiro aos treinos realizados no ▷

FOTOS SERGIO SADE

Empolgação nas arquibancadas e raça no gramado, duas armas azuis e brancas: a inflamada torcida empurrou o time e consagrou jovens como Roberson

Tropeços no returno. Mas o time estava vivo

FOTOS SÉRGIO SADE

O veloz ponta-direita Sérgio Luís: deixando para trás filas de zagueiros

Estádio Érton Coelho, no bairro do Boqueirão, para descobrir que a arma do time estava no perfeito entrosamento de seu meio-campo, formado por Marinho e mais os garotos Roberson, Serginho e Marquinhos — jovens que atuam juntos desde os tempos de juniores.

No segundo turno, no entanto, tudo foi diferente. Quando todos esperavam uma repetição da fase inicial, aconteceu o inverso. A saída não foi ruim: duas vitórias e um empate. Depois, seguiu-se uma série de tropeços, que culminaram com uma incrível série de sete derrotas. Inexplicável? Nem tanto. Para o chamado "público externo", causou estranheza a decisão de poupar os jogadores mais importantes nessa fase. Mas, nos bastidores, os cartolas tinham certeza de que agiam certo. Um confiável informante levara ao presidente Auracyr Azevedo uma lista com o nome de cinco juízes que estariam orientados para atrapalhar o time. "Era verdade", diz o preparador físico Carlinhos. "Num jogo contra o Matsubara, em Cambará, ganhávamos de 1 x 0. Então, perdemos Marquinhos e Dionísio por contusão, Marinho foi expulso, eles empataram e, por fim, viraram o jogo aos 47 minutos do segundo tempo."

PÊNALTI PARA FORA — No hexagonal decisivo, o time já estava sob o comando de Otacílio Gonçalves — técnico campeão paranaense pelo Atlético em 1985. Cláudio Duarte havia aceitado uma proposta do futebol árabe. Pouco mudou: o Pinheiros superou todos os obstáculos. Venceu uma partida tensa e nervosa contra o Atlético, por 2 x 1, e chegou à penúltima rodada precisando de apenas um empate com o Coritiba.

No entanto, ainda não foi desta vez. Perdeu de 1 x 0 e partiu para enfrentar o Cascavel. Mantinha a vantagem do empate, mas o Atlético estava em seus calcanhares — bastava-lhe vencer o Londrina e torcer por uma vitória do Cascavel. Aí, ambos teriam de disputar o campeonato em duas partidas.

Deu de tudo em Cascavel. Roberson e Marinho foram expulsos. Depois, o juiz Rosaldo Goes dos Santos marcou um pênalti contra o Pinheiros. O ponta Marquinhos chutou para fora, o jogo terminou 0 x 0 e gerou uma longa polêmica.

Apurou-se, mais tarde, que tanto Atlético como Pinheiros agiram nos bastidores para saírem vitoriosos naquela lamentável rodada do dia 19 de julho de 1987. Semanas depois, um íntimo colaborador pinheirense disse a PLACAR que, de fato, seu time fizera um acordo com o Cascavel. Bobagem: o Pinheiros não precisava disso.

Roberto José da Silva

ARTILHEIRO

FERREIRA

Em 1984, o centroavante Ferreira, 23 anos (1,85 m e 78 kg), ganhou fama de grosso no Pinheiros. Acabou emprestado ao Americano, de Campos (RJ), mas prometeu voltar para desfazer a má imagem.

Cumpriu a palavra. No último campeonato, o sergipano Jeová Matos Ferreira fez doze gols — perdendo apenas para Adalberto, do Londrina, que marcou quatorze e foi o artilheiro paranaense. Valeu o esforço.

CAMPANHA

O Pinheiros realizou 32 jogos. Venceu quinze, empatou dez e perdeu sete. Seu ataque marcou 39 gols e a defesa sofreu trinta. Sua campanha:
Atlético: 2 x 1, 0 x 0, 1 x 1 e 2 x 1
Pato Branco: 1 x 0 e 1 x 0
União Bandeirante: 3 x 1 e 2 x 1
Apucarana: 1 x 1 e 0 x 0
Colorado: 1 x 1, 0 x 1, 2 x 1 e 1 x 0
Platinense: 2 x 2 e 0 x 2
Londrina: 0 x 0, 0 x 1, 2 x 1 e 1 x 1
Cascavel: 3 x 1, 0 x 2, 1 x 0 e 0 x 0
Maringá: 3 x 3 e 0 x 1
Matsubara: 2 x 1 e 1 x 2
Coritiba: 3 x 1, 1 x 2, 2 x 1 e 1 x 0

PINHEIROS

Em pé: Nena, Toinho, Pinela, Roberson, Dionísio e Newmar; agachados: Sérgio Luís, Marinho, Ferreira, Serginho e Marquinhos

CAMPEÃO PARANAENSE 1987

FOTO SERGIO SADE

6 COBRAS SE JUNTAM AOS FERAS DA RÁDIO GLOBO

Sob o comando do garotinho Osmar Santos, entram em campo mais 6 cobras do esporte para completar o time da Rádio Globo.
Vanderlei Ribeiro e Jorge Lunardi na locução; Osvaldo Pascoal, Ângelo Ananias e Paulo Roberto na reportagem e a Sonia Peixoto na produção mantêm o calor da torcida com os lances mais quentes da partida.
Quando a bola rola no gramado, vibra no ar toda a emoção do futebol paulista: a expectativa dos passes mais ousados, a respiração presa durante os pênaltis e o delírio da galera quando a gorduchinha beija a rede.
Mas, a equipe do Garotinho não pára o jogo aí, corre atrás das novidades dos times e dos jogadores dentro dos clubes e das federações.
Com toda a garra dessa equipe de feras, quem sai ganhando é você, ouvinte da Rádio Globo.

RÁDIO GLOBO
SEMPRE AO SEU LADO

Giovanni & Associados

O RETORNO DA GOSTOSA ROTINA

Acostumado a ganhar títulos — é o décimo em doze anos de vida —, o papão volta a vencer a maratona estadual sob a batuta do astuto Edu

Em 1986, aconteceu um fato raro no futebol de Santa Catarina: o Joinville não se sagrou campeão estadual. Fato raro, sim. Em onze anos de existência, o clube havia faturado nove títulos regionais. Como glórias passadas não movem moinhos, o time entrou para o regional deste ano desafiado por sua exigente torcida para recuperar a hegemonia e voltar à rotina de vestir as faixas e erguer a taça.

Contratado apenas para dirigir o Joinville no Campeonato Brasileiro de 1986, o técnico Edu Antunes Coimbra ficou entusiasmado com a estrutura do clube e resolveu aceitar o desafio de tentar levar o time ao título catarinense. Os 130 000 cruzados de salário logicamente ajudaram na decisão do treinador. É claro, também, que quem ganha bem tem de trabalhar muito. De cara, Edu enfrentou problemas de desfalques no elenco: o goleiro Barbiroto foi para a Ponte Preta, o Grêmio comprou o excelente lateral Alfinete e o rápido e polivalente atacante Toninho Cajuru operou os ligamentos do joelho. ''Não esquentei muito porque tinha estudado com todo cuidado o regulamento'', confessa Edu.

Verdade. A fórmula fez a disputa se arrastar por longos seis meses, com os dez times disputando duas fases em turno e returno, mais um quadrangular final para cada fase, além do quadrangular decisivo do campeonato. O técnico, então, pôs em prática seu plano de passar em branco a primeira etapa, que serviria apenas para a formação de uma base e melhor conhecimento dos adversários. Mesmo assim, o Joinville chegou à final perdendo para o Criciúma, tradicional rival, na última partida, dentro de casa.

Não houve nenhum abalo. Logo chegava o jogador Moreno para re- ▷

Criciúma, 23 de agosto de 1987: no terreiro do inimigo, 2 000 joinvilenses comemoram outra façanha tricolor

FOTOS SERGIO SADE

Festa em dia de decisão: Cláudio José *(esquerda)* e Rocha *(direita)* correm para abraçar Geraldo, autor do 1 x 0

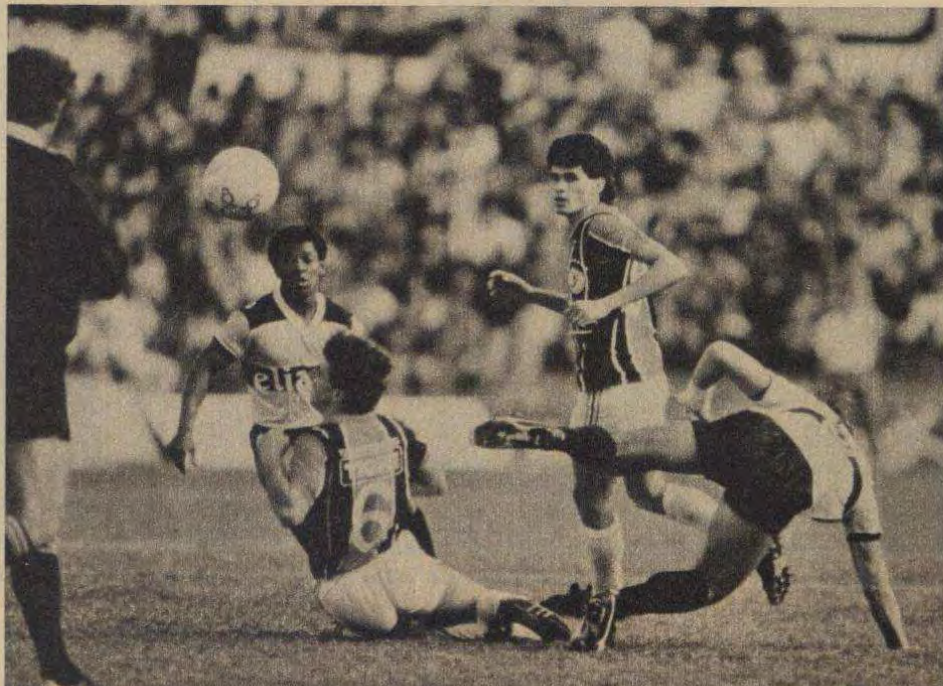
Nardela: um herói levando mais uma vez o Joinville para as cabeças

Palmas para Nardela, um herói de cabeça enfaixada

forçar o time. "Todo o mundo sabe que ele é um craque", justificava o hábil presidente Waldomiro Schützler. A vinda de Moreno ajudou, "mas a equipe àquela altura já começava a embalar", recorda o meia Nardela, oito anos de clube e principal nome de sua história. De fato, quando faturou o primeiro turno da segunda fase, garantindo a vaga para o quadrangular daquela etapa, no time do Joinville despontavam a segurança do goleiro Rodolfo e do forte miolo de zaga — Adílson e Leandro —, além da revelação, na lateral-esquerda, do garoto Rocha. "Do meio de campo para a frente, então, comecei a sentir que chegaríamos a um desempenho acima do normal", recorda Edu. E cita a seguinte formação: Júnior — sobrinho de Dudu, da Academia Palmeirense —, Nardela e Moreno; Geraldo Pereira, Cláudio José e Paulo Egídio. Tudo gente de muita tarimba e talento.

O encantamento entusiasmava também o crítico torcedor de Joinville. Foi por isso que houve uma enorme celeuma quando Edu resolveu tirar nove titulares no returno da segunda fase. A torcida chiou, principalmente quando o JEC — é assim que se grita o nome do clube nas arquibancadas — perdeu três partidas seguidas. O astuto Edu, porém, estava apenas poupando suas feras para a reta de chegada. A pequena rusga, entretanto, foi logo esquecida quando o time embalou na decisão da segunda fase e entrou para enfrentar Avaí, Chapecoense e Criciúma, no último ato, com a corda toda.

DIA INSPIRADO — O time estava bem entrosado, sem problemas de cartão e contusões. Até chegar à partida decisiva contra o Criciúma, fora de casa, a campanha do Joinville apresentava dois empates e três vitórias. Ao viajar para o sul do Estado, o time levava na bagagem a vantagem de até poder perder pela diferença de um gol. O que ninguém esperava, porém, era o dia tremendamente inspirado de todo o time naquela ensolarada tarde de domingo, 23 de agosto. Os 21 400 pagantes que lotaram o Estádio Heriberto Hülse se renderam — não tiveram outro jeito — à fantástica exibição do time dirigido por Edu. Os 2 000 torcedores do JEC que viajaram 350 km para festejar o título ficaram um pouco apreensivos quando Moreno foi expulso aos 35 minutos do primeiro tempo.

Cena da final: naquele dia, ninguém seguraria uma equipe irresistível

FOTOS SERGIO SADE

A volta olímpica no Estádio Heriberto Hülse: até a torcida adversária bateu palmas para o legítimo campeão

Só que, com ele, também ia tomar banho mais cedo o zagueiro Solis, capitão e líder do adversário. Aí, tudo ficou mais fácil.

Os contra-ataques tornaram-se constantes e perigosos. Aos 5 do segundo tempo, Paulo Egídio cruzou, Nardela cabeceou para trás e Geraldo faturou num chute cruzado. Nardela, neste lance, abriu um corte na cabeça ao se chocar com o lateral Itá. Ganhou uma mal-arrumada bandagem e cresceu ainda mais na partida — era a própria imagem da equipe: perfeito no toque de bola, na marcação e construção de jogadas. A 15 minutos do final, foi recompensado naquela que ele mesmo diz ter sido a melhor de suas oito decisões com a camisa tricolor. Recebeu a bola na entrada da área, de frente para o gol. Tirou dois zagueiros com uma ginga de corpo e dribles curtos. Invadiu a área e tocou de leve, no canto esquerdo do goleiro Luís Henrique. Até a torcida do Criciúma aplaudiu, extasiada. Então, foi só comemorar um final perfeito para um grande e contumaz campeão.

Roberto José da Silva

ARTILHEIRO

MORENO

Paulo Roberto Alves, o Moreno, passou dez anos de sua carreira no América carioca — que pretendia ganhar muito dinheiro com o craque e não o negociava. Moreno desmotivou-se, foi parar no Náutico do Recife, no qual não rendeu o esperado. Acabou sendo negociado com o Joinville, que o contratou para o segundo turno do Campeonato Catarinense. O técnico Edu afirma que sempre quis trabalhar com o jogador. Tinha seus motivos. Em pouco tempo, o futebol deste meia de 25 anos, 1,78 m e 74 kg, cresceu e os gols foram surgindo naturalmente. Terminou a temporada com doze gols, quatro a menos que o artilheiro do certame (Ronaldo, da Chapecoense) e cheio de propostas para voltar ao futebol carioca. "Mas ele só sai daqui se for para ser negociado com algum clube europeu", determina o presidente do Joinville, Waldomiro Schützler.

CAMPANHA

Na maratona do Campeonato Catarinense, o Joinville precisou jogar cinqüenta partidas. Venceu 22, empatou dezenove e perdeu nove. O ataque marcou 67 gols e a defesa sofreu 36. A campanha:

Avaí: 2 x 2, 1 x 1, 3 x 1, 0 x 2, 0 x 0 e 3 x 1
Chapecoense: 0 x 2, 0 x 0, 2 x 1, 1 x 1, 1 x 1, 1 x 2, 0 x 0, 0 x 0, 1 x 0 e 1 x 0
Criciúma: 1 x 1, 0 x 1, 0 x 2, 0 x 1, 2 x 0, 1 x 2, 1 x 1 e 2 x 0
Ferroviário: 1 x 0, 2 x 1, 2 x 2 e 0 x 1
Hercílio Luz: 4 x 0, 1 x 0, 1 x 1 e 3 x 0
Internacional: 3 x 1, 5 x 0, 3 x 0 e 0 x 0
Marcílio Dias: 2 x 1, 0 x 0, 0 x 0, 0 x 1, 3 x 0 e 2 x 0
Paysandu: 0 x 0, 2 x 0, 1 x 0 e 4 x 2
Próspera: 0 x 0, 2 x 2, 3 x 1 e 0 x 0

JOINVILLE

CAMPEÃO CATARINENSE 1987

Em pé: Almir, Adilson, Leandro, Júnior, Rocha e Rodolfo; agachados: Geraldo Pereira, Nardela, Claúdio José, Moreno e Paulo Egídio

FOTO SERGIO SADE

GANHE MAIS DINHEIRO

estudando por correspondência nas

ESCOLAS ASSOCIADAS

CAIXA POSTAL 19155
CEP 01000
VILA NOVA CONCEIÇÃO
SÃO PAULO - CAPITAL

FOTOGRAFAR E REVELAR
COLORIDO/PRETO E BRANCO

Um curso prático, dinâmico e atualizado destinado a todos os que desejam aprender os segredos de FOTOGRAFIA preto/branco e colorida e as técnicas de revelação. Ensinamos também a copiar fotografias a cores no papel.
Você aprenderá a montar o seu próprio laboratório para que possa trabalhar em sua casa e ganhar mais dinheiro nas horas de folga, sem emprego de capital, e ainda mais, receberá toda a orientação técnica necessária e inúmeras "dicas" práticas que facilitam o seu aprendizado.
GRÁTIS: laboratório para revelar.

VIOLÃO E GUITARRA

Nosso curso oferece oportunidade a todos que desejam "TOCAR" e ganhar muito dinheiro. Gradativamente, você dominará este instrumento e aprenderá tudo sobre tonalidades, acordes, posições e ritmos. E ainda receberá um caderno de músicas clássicas e populares para acompanhar e fazer muito sucesso. GRÁTIS: Material ilustrado para seu aprendizado.

RADIOTÉCNICO
TRANSISTORES E TELEVISÃO
PRETO E BRANCO/COLORIDO

Estamos na era das comunicações e isso torna qualquer atividade do setor um excelente campo profissional. Por isso, nós ensinamos você a consertar, montar e fazer seus próprios aparelhos: tudo sobre receptores de rádio e televisão, transistores, amplificadores, receptores de AM e FM, caixas acústicas, etc. Este curso está todo ilustrado e você poderá, em sua própria residência, montar uma oficina para garantir-lhe uma profissão liberal e ter mais lucros em pouco tempo. GRÁTIS: Um "Kit" completo para montar um rádio AM, mais soldador, solda e Chave-de-fenda.

MESTRE DE OBRAS
(EDIFICAÇÕES)

Eis aí sua grande oportunidade para obter um alto rendimento e uma profissão que garantirá êxito em sua vida. Em poucos meses, será um profissional competente. Não perca tempo. Faça hoje nesmo sua matricula.

OUTROS CURSOS QUE MANTEMOS:

- CONTABILIDADE PRÁTICA – ASSISTENTE CONTÁBIL
- PRÁTICO PERFUMISTA
- DESENHO ARTÍSTICO E PUBLICITÁRIO
- BELEZA DA MULHER MODERNA
- AR CONDICIONADO E REFRIGERAÇÃO
- RELOJOEIRO TÉCNICO
- TÉCNICO EM INSTALAÇÕES HIDRÁULICAS E SANITÁRIAS
- COMPUTAÇÃO ELETRÔNICA
- PINTURA DE IMAGENS
- SUPLETIVO DO 1º GRAU
- MONTAGEM DE RÁDIO E TV
- AGROPECUÁRIA
- CORTE E COSTURA
- ELETRICIDADE
- INGLÊS COM FITAS
- AUXILIAR DE ENFERMAGEM (AMBOS OS SEXOS)
- TÉCNICAS DE JORNALISMO

Solicite AINDA HOJE o Catálogo Ilustrado de nossos Cursos

GRÁTIS: MATERIAL COMPLETO PARA O APRENDIZADO.

ESTE É SEU (PL. 901-A)	ESTE É PARA SEU AMIGO (PL. 901-A)
ESCOLAS ASSOCIADAS - Caixa Postal: 19155	**ESCOLAS ASSOCIADAS** - Caixa Postal: 19155
CEP 01000 - Vila Nova Conceição - São Paulo - Capital	CEP 01000 - Vila Nova Conceição - São Paulo - Capital
Peço enviar-me, gratuitamente, informações sobre o Curso	Peço enviar-me, gratuitamente, informações sobre o Curso
(Indicar o desejado)	(Indicar o desejado) ....
Nome	Nome ....
Rua .... Nº.	Rua .... Nº. ....
CEP. .... Bairro .... C. Postal	CEP. .... Bairro .... C. Postal ....
Cidade .... Estado	Cidade .... Estado ....

AINDA MAIS: CARTEIRA DE ESTUDANTE E ATESTADO DE CONCLUSÃO NO FINAL DO CURSO, GRATUITAMENTE

COMERCIAL CAMPEÃO SUL-MATO-GROSSENSE 1987

Em pé: Humberto (méd.), Paulão, Sielmo, Ademar, Édson, Evandro, Gonçalves, Renato, Carlos Alberto, Clóvis (prep. físico) e Ventura (mass.); agachados: Mendonça (mass.), Dega, Amauri, Pastoril, Zé Carlos, Ferrari, Carlão, Edinho e Jairo

FOTO SILVIO ANDRADE

FEIJÃO COM ARROZ BEM TEMPERADO

Era um elenco reduzido e desmotivado. Até que apareceu Mestre Gonçalves, o treinador que trouxe a receita simples para uma saborosa conquista

O começo do Comercial no campeonato não foi nada promissor. Dois empates e uma derrota em pleno Morenão deram motivos mais que suficientes para a cabeça do técnico rolar — e o treinador era ninguém menos que o célebre Coutinho. Quem assumiu em seu lugar não tinha tanta fama assim: era Francisco Gonçalves, um ex-jogador do São Bento de Sorocaba (SP) e que, depois de encerrar a carreira no Comercial em 1979, tornou-se funcionário do clube. Chamado de ''Mestre Gonça'' pelo elenco, o novo técnico deu sua receita aos jogadores logo na primeira preleção. ''Aqui ninguém vai aprender nada e nem eu vim para ensinar'', disse, com voz mansa. ''Vamos jogar nosso futebol e pronto.'' Bastou para a moçada se tranqüilizar. ''Piorar não podia mais'', recorda Gonçalves. ''Eu conhecia o potencial de cada um e dei mais liberdade para o time. Não tinha o que inventar.''

NOVENAS E ORAÇÕES — Fácil, não? Nem tanto. Embora aparente uma calma monástica, Gonçalves perdeu noites de sono, consumiu muitos maços de cigarros e precisou contar com as orações e novenas da mulher, dona Beatriz, que vivia rezando por sua proteção. Com um grupo reduzido de jogadores, o técnico teve de dar chance aos garotos que ele próprio havia revelado nos juniores. Assim, deu sorte e fez de Dega, um menino de 18 anos, o goleador do Estado. Revelou ainda Evandro, 21, um volante que subiu meteoricamente de produção sob as ordens de Gonçalves. ''Ele marca bem e forte, mas vinha distribuindo muito mal a bola'', conta o técnico. ''Conversamos muito e ele acabou corrigindo seu principal defeito.''

Foi assim, dialogando, sendo ▷

Morenão, 2 de agosto de 1987: as arquibancadas tingidas de colorado comemoram o terceiro título do Comercial

Edinho em ação, no jogo da decisão: o veterano ponta foi fundamental na campanha

Vexame na final: o adversário promove um "cai-cai"

franco com a equipe, que o treinador ganhou um ponto fundamental para o Comercial chegar ao título: a união. "Gonça não é um treinador, mas um amigo", exemplifica o veterano ponta-esquerda Edinho, 37 anos, várias passagens pelo futebol do interior paulista. Sua experiência serviu para orientar a meninada da casa. Lá atrás, o goleiro Paulão, 26 anos, comandava com competência a defesa, que só tomou sete gols em todo o campeonato. Seus méritos ninguém contesta, mas ele tinha a sua frente quatro beques de coragem. Exemplo? Ademar, 26, que atuou nas finais com princípio de pneumonia — sacrifício irremediável pela falta de um reserva. E com uma agravante: Ademar perdera o pai na véspera da partida decisiva. "Não me abati e entrei em campo para ser campeão", orgulha-se o becão. "Era a última homenagem que poderia fazer a meu pai, que sempre me acompanhou na carreira."

A conquista do Campeonato Sul-Mato-Grossense, afinal, acabou acontecendo de uma certa forma até melancólica, com o abandono de campo do outro finalista, o Corumbaense. Nem isso, porém, tirou o brilho e a competência do time comercialino. Depois do começo claudicante, a equipe chegou a ficar dezesseis partidas invicta. Teve o melhor ataque e a defesa menos vazada. Era a mais regular em toda a competição, jogando um futebol solto, alegre, de toque de bola, sem enfeites, um saboroso arroz com feijão.

BOMBA EM CAMPO — As três partidas finais contra o Corumbaense mostraram isso. O primeiro jogo, no Estádio Arthur Marinho, em Corumbá, revelou um time absolutamente tranqüilo para suportar a pressão dos donos da casa. Sustentou o 0 x 0 sem se abalar com as bombas atiradas no gramado pela fanática torcida adversária. Na segunda batalha, no Morenão, nada deu certo. Outro empate sem gols, este com sabor de derrota. Gonçalves tratou de esfriar a cabeça dos jogadores, pedir mais aplicação e insuflar confiança: estava certo de que o título não escaparia da Vila Olímpica, se-

Confusão em campo: os jogadores do Corumbaense pressionam o juiz e desertam

A torcida invade o gramado e faz a festa: só sobraram as sungas dos ídolos

de do clube. Só não contava com o vexame do cai-cai do inimigo, aos 15 minutos do segundo tempo de um jogo difícil e truncado. "Deixamos de vencer a final nos 90 minutos e isso é um pouco frustrante", reconhecia o ponta Edinho. "Mas somos campeões legítimos pelos números do campeonato."

A torcida — que proporcionou a melhor renda do certame no último jogo — concordava com Edinho. Invadiu o gramado assim que o quinto corumbaense caiu "machucado" e começou a festa. Uma confusão generalizada embalada pelo som de sua famosa charanga: era o terceiro título da história do Comercial (vencera anteriormente em 1982 e 1985). Os jogadores e dirigentes refugiaram-se no vestiário, esperando que algum cartola da Federação confirmasse a conquista. Regulamento enfim descoberto ("A equipe que tiver sido reduzida a menos de sete jogadores perderá a partida pelo escore de 1 x 0", diz o parágrafo terceiro do artigo 35), alguns voltaram para uma aguada volta olímpica movida pela loucura da torcida. "Este povão ficou maluco", dizia assustado o lateral Zé Carlos, correndo só de sunga. Mestre Gonça, entretanto, sempre comedido, não perdeu a costumeira simplicidade. Deixou abraços e cumprimentos de lado, saindo bem de mansinho do meio do tumulto, sem que ninguém percebesse, e foi comemorar sozinho. Bem mais tarde, seus pupilos e os cartolas o encontraram num barzinho ao lado da Vila Olímpica, tomando a cervejinha de sempre. "Cumpri minha missão", desabafava. "Sou apenas um funcionário do clube, mas meu desejo é trabalhar com as equipes de baixo."

ALMA NOVA — Gonçalves, 47 anos, está prestes a se aposentar, depois de quase quinze anos no Comercial. É a ele, principalmente, que o clube deve a façanha de mais um campeonato. Um campeonato que nem o mais fanático torcedor imaginava que viria este ano, a julgar pelos primeiros fracassados jogos. O novo técnico deu outra alma à equipe. Por isso, fora do bar, a torcida continuava cantando na rua. Misturava o coro de campeão com o nome do Mestre Gonça.

Sílvio Andrade

ARTILHEIRO

DEGA

Ele tem apenas 18 anos, ainda não assinou contrato de profissional, recebe uma ajuda de 5 000 cruzados e sustenta mãe e dois irmãos menores. Ele é Dega, artilheiro do regional com onze gols. Coisa comum em sua carreira até aqui: em 1985, foi o goleador do juvenil (32 gols); em 1986, repetiu a dose nos juniores (25). Edgar da Silva Vieira mede 1,71 m e pesa 70 kg. É uma das grandes promessas do Comercial. Não tem muita técnica, joga na base da velocidade, chuta forte e tem boa colocação. Menino pobre, só tem um sonho: "Quero aparecer no Campeonato Brasileiro".

CAMPANHA

O Comercial chegou ao título depois de 23 jogos. Venceu nove, empatou doze e perdeu dois. Seu ataque marcou 23 gols e a defesa sofreu sete. O retrospecto:

Comercial-PP: 0 x 0, 2 x 1 e 1 x 1
Ubiratan: 0 x 1 e 0 x 0
Taveirópolis: 0 x 0 e 0x 0
Aquidauana: 1 x 0 e 5 x 0
Operário: 1 x 2, 1 x 0, 1 x 1, 1 x 1 e 0 x 0
Douradense: 1 x 0 e 5 x 0
Corumbaense: 1 x 0, 0 x 0, 0 x 0, 2 x 0, 0 x 0, 0 x 0 e 1 x 0

EMOÇÃO E FORÇA DO GIGANTE TRICOLOR

O Fortaleza superou a falta de dinheiro e o ceticismo de muitos para recuperar a hegemonia estadual e garantir o delírio de sua torcida

No início do ano, só os fanáticos torcedores do Fortaleza apostavam na possibilidade de o time recuperar a hegemonia do futebol cearense. Afinal, o clube enfrentava problemas financeiros e o eterno rival Ceará prometia entrar com tudo na briga pelo bicampeonato. Mas o tricolor mostrou a força dos gigantes e, contra o ceticismo de muitos, resgatou a alegria de seus adeptos num campeonato emocionante do começo ao fim.

O Fortaleza foi arrasador no início da competição — faturou o primeiro turno por antecipação e, melhor, não perdeu para ninguém. A boa fase, no entanto, correu perigo com a saída do técnico Cléber Camerino. César Moraes assumiu o comando da equipe no turno seguinte e, aí, o Ceará começou a mostrar intenção de acabar com a festa tricolor: venceu o returno e forçou a realização de um triangular com a participação, também, do Ferroviário.

A reação alvinegra no certame chegou a assustar. Só que, na hora da verdade, o Fortaleza soube usar a vantagem obtida por ter a melhor campanha e fez do empate de 0 x 0 com o tradicional inimigo, no dia 9 de agosto, a senha para a festa que tomou conta de Fortaleza.

O grande herói da decisão foi o goleiro Zé Luís. Com alguns milagres, evitou que o Ceará marcasse seu gol salvador. Um deles enlouqueceu os adversários: aos 47 minutos da etapa final, o centroavante Mauro Portaluppi — irmão de Renato, do Flamengo — cabeceou livre, da pequena área. Enquanto os jogadores do Ceará ensaiavam a corrida para comemorar o gol, Zé Luís fez a defesa mais importante de sua carreira. "Eu nunca vou esquecer aquele momento", afirma. "Ali eu garanti meu primeiro título profissional."

DESABAFO VENCEDOR — José Luís Silva Peixoto, fluminense de Campos de 21 anos, tem o passe preso ao Botafogo do Rio de Janeiro. Aliás, é um dos três jogadores do elenco campeão que não nasceram no Ceará — os outros são o meia Assis Paraíba e o centroavante paulista Frank. "Como não tínhamos dinheiro, optamos pela valorização do pessoal da casa", explica o presidente Sílvio Carlos Vieira Lima. "Agora, somos campeões e contamos com dinheiro em caixa."

Um bom exemplo da renovação bem-sucedida do Fortaleza é o volante Alberto. Cearense de Trairi, esse jogador, também de 21 anos, não disfarçou a emoção com a festa pelo título. "Ser campeão profissional é uma sensação indescritível", afirmava logo depois da partida final. Se a promessa tricolor viveu a delícia da primeira volta olímpica, o veterano zagueiro Pedro Basílio, de 36 anos, deu um tom definitivo à consagração. "No final do ano, pretendo começar como técnico das divisões inferiores do clube", anuncia.

Motivos para comemoração não faltavam. Na capital cearense se dizia, antes do último jogo, que o

Adílton *(com a taça)*: festa de um time que calou os falastrões

Estádio Castelão, dia 9/8/1987: o Fortaleza acaba com o sonho do Ceará

Comemorando um gol: rotina de um elenco que soube resistir às pressões

FOTOS ARI LAGO

ARTILHEIRO

DA SILVA

A festa do Fortaleza foi completa: o maior goleador do campeonato foi Da Silva, um jogador de 31 anos que o tricolor trouxe do Tiradentes cearense. Ele personifica também a face ousada do Fortaleza. Muitos duvidaram da capacidade de o centroavante brilhar numa grande equipe. Mas Antônio Cirino Souza Filho fez dezenove gols na competição. "Minha chance demorou a chegar", constata. "Mas nunca é tarde e ganhei minha primeira faixa de campeão."

Solteiro, Da Silva é dono de seu passe. "Já provei que sei fazer gols e espero que o Fortaleza se interesse pela minha permanência", diz. Se depender da torcida, a camisa 9 tricolor continuará com ele.

CAMPANHA

O Fortaleza realizou trinta partidas. Venceu dezoito, empatou sete e perdeu cinco. Seu ataque assinalou 47 gols e sua defesa sofreu 18. Eis sua campanha:
Tiradentes: 0 x 0, 1 x 0, e 1 x 0
América: 6 x 1 e 2 x 0
Guarany-S: 1 x 0, 1 x 0, 2 x 1 e 2 x 2
Guarani-J: 3 x 0 e 0 x 1
Icasa: 1 x 1 e 2 x 0
Ferroviário: 1 x 0, 3 x 2, 0 x 1, 4 x 1, 4 x 0 e 3 x 2
Calouros do Ar: 5 x 1 e 2 x 1
Quixadá: 1 x 0, 0 x 1 e 1 x 0
Ceará: 0 x 0, 0 x 0, 1 x 1, 1 x 2, 0 x 1 e 0 x 0

Fortaleza amargaria a situação de "nadar e morrer na praia". A previsão baseava-se no fato de a equipe ter entrado com dois pontos de vantagem sobre o Ceará — devido a seu desempenho superior nas fases anteriores da competição — e ter permitido a reação do inimigo.

Naturalmente, já se apontava o técnico César Moraes como o responsável pela queda. Por isso, quando terminou a decisão, o treinador soltou o desabafo: "Esse título é a coisa mais importante de minha vida", gritava. "Provei que santo de casa também faz milagre." Na partida final, César mostrou sua competência. Armou um sólido esquema defensivo, liderado por Pedro Basílio, e assustou o alvinegro com as arrancadas dos pontas Gílson e Marcão. E, quando as tentativas do Ceará de chegar ao gol davam certo, Zé Luís se encarregava de acalmar a galera do Fortaleza.

No final, o talento de Zé Luís, a dedicação do veterano Pedro Basílio, a garra de Alberto e tantos outros deram uma lição de humildade própria dos grandes vencedores. O time não se preocupou em enfrentar um elenco com mais nomes famosos. Soube reconhecer suas limitações e conquistou aquilo que parecia impossível no início — a vitória.

Assim, o Fortaleza retribuiu em campo um amor intenso vindo das arquibancadas. E renovou a mística da camisa tricolor — aquela que cresce nos momentos decisivos.

Amando Lima Jr.

FORTALEZA

CAMPEÃO CEARENSE 1987

Em pé: Caetano, Marcelo, Nilo, Alberto, Zé Luís e Marcelino; agachados: Marcão, Jacinto, Da Silva, Assis Paraiba e Frank

FOTO ARI LAGO

OPERÁRIO-VG TRICAMPEÃO MATO-GROSSENSE 85/86/87

Em pé: Cabral (mass.), Caruso, Júlio César, Jorginho, Vágner, Panzariello e Oséias; agachados: Nasser, Edmílson, Pelego, Esquerdinha, Ivanildo e Tyressolis (mass.)

FOTO EDSON GUITTI

A FESTA DE UM TRI ANTECIPADO

Foi muito fácil. Os tricolores chegaram ao quadrangular final com vantagem e alcançaram uma façanha inédita nos 38 anos de clube

Nunca foi tão fácil. Duas rodadas antes do final, o Operário garantiu o tricampeonato ao derrotar o União de Rondonópolis por 1 x 0, fora de casa. Título assegurado, o clube de Várzea Grande — cidade industrial de 100 000 habitantes, separada da capital do Mato Grosso pelo Rio Cuiabá — deu-se ao luxo de perder seu único jogo no estadual — para o Dom Bosco, por 2 x 1.

Na verdade, desde a partida inicial ficou claro que a equipe não teria dificuldades para repetir as duas campanhas anteriores. Logo na estréia goleou o Atlético por 6 x 0. Aliás, no turno, a grande surpresa aconteceu em Barra do Garças — 1 x 0 para o time local.

Na Justiça Desportiva, porém, a diretoria conseguiu a anulação do resultado ao provar que Duda — o armador adversário — havia atuado de forma irregular. Marcado novo compromisso, os tricolores mantiveram a invencibilidade com um empate de 2 x 2. Com isso, obtiveram o direito de resolver a primeira fase do campeonato com seu maior rival, o Mixto. Venceram por 1 x 0.

Mesmo assim, o técnico Osmar Rodovalho dos Reis, o Mazinho, tratou de reforçar o elenco com jogadores de outros centros. Como o meia Pelego e o zagueiro Vâner, ex-Grêmio Maringá, e o beque Benê, ex-Guarani de Campinas.

No returno, com apenas dois pontos perdidos, o Operário foi outra vez para a decisão com o Mixto. E triunfou por 2 x 0. Assim, partiu para o quadrangular contra Dom Bosco, União e o próprio Mixto, com uma vantagem de dois pontos.

Na nova série de partidas, o título veio por antecipação. Era o tri que a torcida queria, uma façanha inédita nos 38 anos do clube. Uma bela campanha que contou com a ajuda decisiva do goleiro Júlio César, 22 anos, e do centroavante Nasser, 21 anos, vice-artilheiro do Campeonato Mato-Grossense.

Jonas Jozino

ARTILHEIRO

NASSER

O artilheiro do Operário-VG não precisa do futebol para viver. Filho de uma das mais ricas e tradicionais famílias de Cuiabá, Nasser Untar Pereira Pinto, 21 anos, reconhece que entra em campo por puro prazer. Nesta última temporada, esse ponteiro-direito de 1,74 m e 72 kg marcou nove gols. "Eu gosto de ver os torcedores festejando", conta o craque titular do time desde 1983.

CAMPANHA

Em vinte jogos, o Operário conseguiu quatorze vitórias, cinco empates e apenas uma derrota. Marcou 34 gols e sofreu sete. A campanha:
Atlético: 6 x 0 e 2 x 0
União: 1 x 0, 0 x 0, 1 x 0 e 1 x 0
Dom Bosco: 1 x 0, 2 x 2, 1 x 0 e 1 x 2
Palmeiras: 3 x 1 e 1 x 0
Barra do Garças: 2 x 2 e 7 x 0
Cáceres: 0 x 0 e 1 x 0
Mixto: 1 x 0, 2 x 0, 0 x 0 e 1 x 0

FOTOS EDSON GUITTI

A comemoração e a volta olímpica com o troféu do tri: a fase da alegria

BRASÍLIA CAMPEÃO DISTRITO FEDERAL DE 1987

FOTO KIM-IR-SEN/ÁGIL

Em pé: Remo, Vanderlei, Oliveira, Marco Antônio, Nena, Nescau, Valdo, Kidão e Filgueira; agachados: Da Costa, Josimar, Erasmo, Bolão, Nei, Darlã e Edílson

FINGINDO DE MORTO PARA ATACAR NO FIM

Depois de vencer o turno inicial e ser o lanterna do returno, o alvirrubro levou vantagem na hora certa e disparou para o triunfo

Brasília

Campeão Brasiliense

Foi uma conquista incontestável. O Brasília, campeão do Distrito Federal em 1987, montou uma estrutura, para os padrões locais, de quem realmente tinha um objetivo definido: o título. Com uma comissão técnica encabeçada pelo supervisor Almir Vieira, um velho conhecedor do futebol brasiliense, o time saiu na frente.

A campanha começou com um bom primeiro turno. O Brasília terminou invicto, depois de uma partida extra contra o Ceilândia. Foram necessários dois jogos — com marcador de 0 x 0 —, uma prorrogação e disputa em pênaltis, em que o alvirrubro triunfou por 4 x 3.

Em seguida, veio o returno e os adversários se preparam para derrubar o papão. Em vez de se armar ainda mais, o Brasília desmontou a formação inicial. Nada mais que sete jogadores deixaram o clube. Para compensar, a diretoria foi buscar Da Costa (Portuguesa carioca), Darlã (Ferroviário, de Tubarão-SC) e Vanderlei (Anapolina). Quatro juvenis foram promovidos — Oliveira, Freitas, Edílson e Filgueira. O resultado, porém, foi desastroso. E o Taguatinga, seu principal inimigo, começou a embalar. O Brasília acumulou tantos fracassos a ponto de terminar na lanterna, com três derrotas, dois empates e apenas duas vitórias.

Houve quem julgasse ser o fim do campeonato para o Brasília. Puro engano. Prova disso foi o terceiro turno. O Taguatinga, vencedor do returno e comandado pelo bicampeão mundial Nílton Santos, dividia o favoritismo com o Ceilândia, dirigido pelo tricampeão do mundo Brito. Mas o Brasília, correndo por fora, ressurgiu com todo o gás. Quatro vitórias e três empates. E estava garantido o título invicto do turno final. E, mais que isso, a vantagem de entrar no triangular decisivo com dois pontos ganhos contra um do Taguatinga e zero do Guará.

A taça do oitavo título do Brasília em doze anos: emoção sempre nova

COM VANTANGEM — O Brasília passou, então, a jogar de acordo com o regulamento. Procurou manter a vantagem ao longo de toda a disputa. Só tomou um grande susto quando foi derrotado pelo Guará, por 1 x 0, em pleno Estádio Mané Garrincha.

Veio a partida final com o Taguatinga — um time habituado à condição de vice. Em 1984, perdeu para o próprio Brasília; em 1985 e 1986, para o Sobradinho. E a história se repetiu.

Bolão — o grande astro do campeão — jogou tudo o que sabe. Aos 19 minutos, ele cobrou um escanteio fechado, no primeiro pau. Provocou o rebote da defesa e Erasmo aproveitou para marcar. No início do segundo tempo, Nei fez 2 x 0. O Taguatinga ainda ameaçou com um gol do zagueiro Zinha. Não fez mas nada. E o Brasília recuperou a hegemonia do futebol brasiliense, com oito títulos conquistados em doze anos.

Orlando Pontes

FOTOS KIM-IR-SEN/AGIL

Estádio Mané Garrincha, 23 de agosto: o decisivo gol de Nei no Taguatinga

A comemoração, depois do apito final: braços abertos na direção da torcida

ARTILHEIRO

BOLÃO

O apelido, na gíria do futebol, traduz plenamente seu desempenho em campo. Aos 25 anos de idade, o brasiliense Bolão foi o ponto de equilíbrio do campeão do Distrito Federal. Artilheiro da equipe com doze gols, ele participou de todas as 26 partidas do Brasília.

Franzino — 62 kg, 1,72 m e chuteiras número 38 —, Esmeraldo Alves Espíndola, o camisa 10 do time, compensa a falta de vigor físico com uma grande visão de jogo. Costuma fazer lançamentos precisos e armar contra-ataques fatais. Há seis anos como profissional, apenas nesta temporada o meia se fixou no time principal. Foi revelado nos times inferiores do próprio Brasília. ''Quero estourar na próxima Copa Brasil'', sonha.

CAMPANHA

O Brasília chegou ao título depois de realizar 26 jogos. Venceu doze, empatou dez e perdeu quatro. Seu ataque marcou 32 gols e sua defesa sofreu dezessete. Seus resultados:

Planaltina: 3 x 1, 1 x 2 e 2 x 0
Guará: 2 x 1, 0 x 2, 1 x 1, 1 x 0 e 0 x 1
Sobradinho: 0 x 0, 0 x 0 e 1 x 0
Taguatinga: 2 x 0, 0 x 1, 0 x 0, 1 x 1 e 2 x 1
Gama: 0 x 0, 1 x 1 e 2 x 1
Tiradentes: 5 x 0, 2 x 1 e 3 x 1
Ceilândia: 0 x 0, 0 x 0, 2 x 1 e 1 x 1

Radiais S-660 e S-211 Firestone. Até agora ninguém foi mais longe.

A concepção mais avançada em pneu é o radial de aço. Mais avançado que isso, só o S-660 e o S-211 Firestone.

Porque o nome Firestone, depois de um radial de aço, faz uma grande diferença. Em durabilidade, segurança, conforto, economia e manejo de direção.

O S-660 é um bom exemplo disso. Um pneu ideal para quem trafega em autopistas. Onde a estabilidade lateral do veículo é fundamental a cada curva. Onde ultrapassagens e defeitos do pavimento podem exigir respostas rápidas ao volante. Onde pistas molhadas requerem elevada drenagem de água. E onde uma freada brusca pode fazer toda a diferença.

Agora veja o S-211. Um pneu para quem quer um rodar suave, com todo o conforto do mundo. Macio e silencioso, mas também extremamente ágil e aderente, para qualquer emergência. E muito durável. Tão durável, que você até esquece que ele existe. Mas se o seu negócio é chão bravo, tração e resistência no duro, conheça também a linha Off-Road Firestone.

Escolha um Firestone e tenha certeza de estar rodando com o melhor. Quando aparecer algo mais avançado, a gente avisa.

S-660 *S-211*

Firestone

A VIDA RODA MELHOR NUM FIRESTONE.

RIO NEGRO

CAMPEÃO AMAZONENSE 1987

FOTO CLAUDIO SÃO PAULO

Em pé: Elias Hadad (prep. físico), César, Marcão, Paulo Mendes (téc.), Renato, Galvão, Luís Roberto, Félix (mass.), Rubem Corrêa (sup.), Piranha e Francisco (roups.); no centro: Júnior, Kléber, Marinho, Carlinhos Maracanã, Jasson, Pesado, João Francisco, Jorginho, Éverton e Paulo Verdum; abaixo: Beto, Curió, Fernandinho, Castilho, Tonho, Robertinho, Júnior e Rildo

ESTAVA NA HORA DE VIRAR A MARÉ

Cansado de ver o inimigo Nacional ganhando sempre, o alvinegro investiu na formação de um time forte e arrasou quem aparecesse pela frente

A torcida do Rio Negro sofreu durante 89 minutos. Ela sabia que seu time era melhor que o do Nacional, o eterno inimigo. A campanha da equipe não deixava a menor sombra de dúvida. Dezenove vitórias em 21 partidas. Um empate. Uma única derrota, na última partida do segundo turno — justamente para o Nacional, que agora apertava em busca do gol. A defesa do Rio Negro vai-se safando. A equipe sente a falta de três titulares nesta tarde de domingo, 23 de agosto: Curió, Jasson e Carlinhos Maracanã não estão em campo. O zagueiro Paulo Galvão e o ponta Rildo jogam contundidos, na base do sacrifício. O empate dá o título ao Rio Negro, que só se aventura a ir à frente em esporádicos contra-ataques. Falta 1 minuto para acabar o sofrimento. Bola com Paulo Verdum na direita. Ele toca para Fernandinho que vê Rildo solto. Rildo bate na saída do goleiro do Nacional: 1 x 0 Rio Negro. Estava mais do que garantido o título.

Para quebrar a hegemonia do Nacional, tetracampeão amazonense, o Rio Negro investiu como nunca havia feito em sua história. A folha de pagamento era superior a 900 000 cruzados mensais. A média de salários girou em torno de 40 000. Os bichos por vitória foram generosíssimos. No último jogo, o prêmio foi de 50 000 para cada campeão. E mais: contratou reforços até dizer chega. Trouxe Paulo Mendes, o técnico que conquistara dois títulos pelo Nacional. Do arquiinimigo vieram ainda Luís Florêncio, Jasson, Paulo Galvão e Marinho Macapá. No Remo, foram buscar Fernandinho, também ex-Nacional.

TIME AVASSALADOR — "Esse pessoal não treme numa decisão porque está acostumado a ser campeão no Amazonas", garantia Paulo Mendes, que completou a equipe com outros jogadores experientes, como o meia Carlinhos Maracanã, ex-São Paulo, o ponta Curió, cinco vezes campeão potiguar pelo ABC, e o lateral Paulo Verdum, ex-Botafogo de Ribeirão Preto. O time-base praticamente não se alterou durante todo o campeonato. Do primeiro ao último jogo, o Rio Negro realizou uma escalada avassaladora. Sagrou-se campeão invicto do primeiro turno. Chegou à decisão do segundo turno com a possibilidade de conquistar o título amazonense sem a ne-

FOTOS CLAUDIO S. PAULO

Jasson, vinte gols em 22 partidas: destaque polêmico numa campanha quase perfeita

Rio Negro x Nacional: o arquiinimigo tetracampeão foi o único adversário a causar alguma apreensão no certame

cessidade de disputar uma melhor de três pontos com ninguém. Ali, porém, sofreu a única derrota da campanha. Partiu para a melhor de três e venceu o primeiro jogo. Precisava apenas de um empate na segunda partida, no Vivaldão. Ganhou a parada no último minuto.

Heróis? Lá atrás, o zagueiro Paulo Galvão foi considerado o grande responsável pela conquista do campeonato. Capitão do time, foi recompensado pelo clube com a compra do seu passe em definitivo. Os generosos cartolas premiaram também o lateral Luís Florêncio com um automóvel Opala, parte das luvas para a renovação de seu contrato. E, lá na frente, o grande comandante do ataque infernal foi o polêmico Jasson *(ver o quadro do artilheiro)*. Ao deixar o Nacional, depois do último Campeonato Brasileiro, Jasson fez uma promessa: iria vingar-se do técnico Aderbal Lana, com quem tivera vários atritos. Durante o regional, Jasson travou uma luta particular com o seu ex-técnico. Acusado de ser indisciplinado, o jogador contra-atacou afirmando que "preferia jogar com onze marginais campeões do que com onze pastores derrotados".

Comemoração: 62 vezes neste ano

Flávio Seabra

ARTILHEIRO

JASSON

Ele marcou vinte gols em 22 partidas. Com a mesma constância com que balança as redes, porém, Jasson Rodrigues Correa — amapaense, 28 anos, 1,83 m e 87 kg — se envolve com problemas fora do campo. É perseguido por viver em festas e por admitir publicamente sua paixão por umas boas cervejinhas. Não fosse isso, Jasson poderia estar hoje atuando por um grande clube do sul do país. Teve passagens rápidas pelo Flamengo e Fluminense e até jogou no Sporting, de Portugal. Moleque travesso, ainda acredita numa nova chance. "Nunca fui compreendido", arrisca.

CAMPANHA

Apenas um empate e uma derrota em 22 partidas. Um ataque arrasador que marcou 62 gols. Uma defesa sólida que só levou sete gols. Eis a bela campanha do Rio Negro:

São Raimundo: 2 x 0 e 3 x 0
Princesa: 3 x 2, 2 x 0, 3 x 0 e 2 x 1
Libermorro: 1 x 0 e 6 x 0
Sul América: 7 x 0 e 7 x 0
Penarol: 2 x 1 e 4 x 0
Fast: 4 x 0 e 1 x 0
América: 2 x 0 e 6 x 0
Nacional: 2 x 0, 1 x 1, 1 x 0, 0 x 1, 2 x 1 e 1 x 0

GUARAPARI

CAMPEÃO CAPIXABA 1987

Em pé: Tavares (prep. físico), *Geraldo, Beto, Paulo Sérgio, Deinha, Charles e Paulo Renato; agachados: Márcio Banana, Sena, Porto Real, Luís Alberto, Dourado e Zezé* (mass.)

FOTO EDUARDO SANTOS OLIVERA

EFICIÊNCIA NO MOMENTO CERTO

Depois de cumprir uma campanha discreta nos dois turnos, o time cresceu no quadrangular decisivo e atropelou os favoritos

A experiência da temporada passada, quando ficou na segunda colocação, valeu muito. Desta vez, o Guarapari mudou de estratégia: cumpriu uma campanha apenas regular nos dois turnos e surpreendeu os adversários no quadrangular final. Quando menos se esperava, tornou-se o campeão capixaba.

Foi a primeira grande conquista de sua história. E a segunda vez que um clube do interior chegou ao título estadual. Antes, só o Cachoeiro, de Cachoeiro do Itapemirim, havia quebrado a hegemonia das equipes da capital. Aconteceu em 1948 — há exatamente 39 anos.

Fundado na década de 30, o Guarapari sempre manteve um porte médio. Dono da torcida da maior cidade balneária do Espírito Santo — localizada a 50 km ao sul de Vitória —, o clube só passou a investir no futebol nos dois últimos anos.

Deu certo. Na temporada passada, porém, houve um momento que a diretoria teve de reciclar seu trabalho. Foi logo após a derrota por 3 x 1 para a Desportiva Ferroviária, no quadrangular do primeiro turno.

Os dirigentes dispensaram o técnico Antunes Coimbra — atacante do Fluminense nos anos 60 e irmão de Zico, contratado no início da competição. Para seu lugar, conseguiram Elci Rodrigues, ex-zagueiro da Desportiva e corretor de imóveis.

A primeira atitude do novo treinador foi recomendar quatro reforços — Paulo Sérgio, Paulo Renato, Luís Alberto e Sinvaldo, todos do futebol carioca. Desde então, o time-base passou a ser formado por Geraldo, Beto, Paulo Sérgio, Charles e Paulo Roberto; Deinha, Sena e Luís Alberto; Márcio Banana, Porto Real e Dourado (Sinvaldo).

Apesar de obter resultados importantes, o Guarapari só fez o suficiente para se incluir entre os quatro melhores. Por isso havia uma certeza: não era uma equipe de chegada. ▷

NESTOR MULLER

Estádio Davino Matos, 2 de agosto de 1987: o empate com o Ibiraçu numa tarde de muito nervosismo

Uma festa que Guarapari nunca mais esquecerá

O título, no entanto, veio com uma trajetória fulminante no quadrangular decisivo: seis pontos nos três jogos iniciais, uma inesperada derrota para o Estrela, em Guarapari, uma vitória sobre a Desportiva, na casa do inimigo, e o empate com o Ibiraçu, por 1 x 1, no último compromisso.

Ao entrar em seu campo, no Estádio Davino Matos, para o confronto final, o time praiano mostrava-se tenso, preocupado com a partida do Estrela do Norte, com a Desportiva, em Vitória. Afinal, o Estrela ainda sonhava com o título.

Um desafogo momentâneo veio aos 5 minutos quando Porto Real, da entrada da área, acertou no ângulo esquerdo do goleiro Sandro, do Ibiraçu. Mas o nervosismo voltou aos 39 minutos, ao acontecer o gol de empate marcado por Joel.

FERIADO MUNICIPAL — Para piorar, no intervalo, o Estrela vencia por 1 x 0. No segundo tempo, porém, a informação de que a Desportiva conseguira empatar deixou a equipe tranqüila. No final, o Estrela perdeu por 2 x 1. Mesmo assim, ficou com o vice-campeonato porque obteve maior número de vitórias que a Desportiva no quadrangular.

Com a vida facilitada, o Guarapari tratou de segurar a igualdade no marcador. E fazer o tempo passar. O centroavante Porto Real, líder e artilheiro do time, até esqueceu o jogo para acalmar os torcedores que queriam invadir o gramado antes do apito final. Nas arquibancadas, o carnaval já começava.

Para comemorar, o prefeito Graciano Spíndula, além de decretar feriado municipal na segunda-feira, mandou distribuir 20 000 litros de chope entre a população. Foi uma festa que Guarapari jamais esquecerá.

Álvaro Silva

NESTOR MULLER

Nas arquibancadas, a comemoração pela conquista de um título inédito

ARTILHEIRO

PORTO REAL

Roberto Nascimento, o Porto Real, 28 anos, 1,71 m e 74 kg, preocupou-se muito mais em armar as jogadas do Guarapari. Ainda assim, tornou-se o artilheiro do time, com dez gols. No campeonato, ficou atrás apenas de Joel, do Ibiraçu, com doze, e Buga, do Estrela do Norte, onze.

Porto Real — apelido que vem de um distrito do município de Resende (RJ), onde nasceu — começou no juvenil do Flamengo em 1976. Depois, transferiu-se para o América, no qual teve sua melhor fase e ganhou fama.

Em 1983, foi para a Desportiva. Contundiu-se com gravidade e ficou quase um ano parado. No Espírito Santo, jogou ainda pelo Rio Branco. Já esteve no Toledo, do Paraná, e no Taubaté, de São Paulo.

CAMPANHA

Para chegar ao título inédito, o Guarapari disputou 32 partidas. Conseguiu oito vitórias, dezessete empates e sete derrotas. Marcou 26 gols e sofreu 23. Eis a campanha:

Rio Branco: 2 x 1 e 1 x 1
Ordem e Progresso: 1 x 1 e 1 x 0
Vitória: 1 x 1 e 0 x 0
Colatina: 2 x 2 e 2 x 0
Estrela do Norte: 0 x 1, 0 x 0, 0 x 1, 3 x 0, 0 x 2, 0 x 1, 1 x 0 e 1 x 2
Desportiva: 1 x 1, 0 x 0, 1 x 3, 0 x 0, 0 x 0, 1 x 1, 1 x 0 e 1 x 0.
Ibiraçu: 0 x 0, 1 x 1, 1 x 2, 0 x 0, 0 x 0, 1 x 1, 2 x 0 e 1 x 1

Use o telefone para acabar com suas dúvidas sobre o câncer.

Tem gente que morre de medo só de ouvir a palavra câncer. O problema é que fugir do assunto não elimina o risco de contrair a doença. Portanto, a atitude mais inteligente e sensata é manter-se bem informado sobre o câncer. Para identificar seus sinais a tempo. E derrotá-lo. A Rede Feminina de Combate ao Câncer quer deixar você bem orientado sobre a doença. Discando o Telecan, 270-1233, você ouve respostas para 60 dúvidas sobre o câncer. Você pode ligar de casa, do escritório ou mesmo do orelhão. Se estiver fora da cidade de São Paulo, disque, antes do número, o prefixo 011. Esse serviço funciona de 2.ª a 6.ª feira, das 8 h às 18 h, e não funciona nos feriados. **Importante:** as informações prestadas por esse telefone levaram muita gente a procurar um médico a tempo. Portanto, use e abuse do Telecan.

CÂNCER É CURÁVEL. TIRE SUAS DÚVIDAS PELO TELEFONE 270-1233.

FUNDAÇÃO ANTONIO PRUDENTE
HOSPITAL DO CÂNCER

Como usar o Telecan

Disque 270-1233. Uma voluntária irá atender à chamada. Consulte a relação de temas do Telecan abaixo e diga a ela o número da informação que deseja obter. Imediatamente você ouvirá sua resposta.

01 — O que é câncer?
02 — Palavras do capelão de um hospital.
03 — Câncer no adulto.
04 — Câncer no cérebro.
05 — Câncer da boca.
06 — Câncer da garganta.
07 — Câncer da tiróide.
08 — Câncer da tiróide após tratamento radioativo de cabeça e pescoço.
09 — Câncer da laringe.
10 — Reabilitação da fala após o câncer da laringe.
11 — Câncer do esôfago.
12 — Câncer do estômago.
13 — Câncer do fígado.
14 — Câncer do pâncreas.
15 — Câncer do rim.
16 — Câncer da bexiga.
17 — Descoberta precoce do câncer no intestino.
18 — Câncer no intestino e no ânus.
19 — O que é câncer do pulmão?
20 — Sintomas e tratamento do câncer no pulmão.
21 — Os efeitos do fumo em não-fumantes e os direitos que estes têm.
22 — O fumo e os problemas dentários.
23 — O perigo do fumo na gravidez.
24 — Diálogo sobre fumar e ter saúde.
25 — Câncer e álcool.
26 — Tumores dos olhos.
27 — Leucemia na criança.
28 — Linfomas da criança.
29 — Tumor do rim da criança.
30 — Neuroblastoma da criança.
31 — Aumento do baço na criança.
32 — Doença de Hodgkin.
33 — Câncer dos ossos e na coluna vertebral.
34 — Câncer da pele.
35 — Melanoma maligno (verrugas, pintas etc.).
36 — Linfomas e melanomas múltiplos.
37 — Câncer da mama.
38 — Câncer do seio — aprenda a examinar os seios.
39 — Mamografia.
40 — Câncer do ovário.
41 — Câncer do útero.
42 — O que é teste papanicolau, que toda mulher deve fazer uma vez por ano?
43 — Câncer da vagina e doenças venéreas.
44 — Câncer da mama no homem.
45 — Câncer da próstata.
46 — Câncer do pênis e doenças venéreas.
47 — Quimioterapia.
48 — Métodos não aprovados para o tratamento do câncer.
49 — Perguntas que o povo faz sobre o câncer - I.
50 — Perguntas que o povo faz sobre o câncer - II.
51 — Câncer do baço.
52 — Mieloma.
53 — Leucemia do adulto.
54 — Novos tratamentos.
55 — Umunologia.
56 — Aids.
57 — Câncer do sistema nervoso.
58 — Infecção na criança com câncer.
59 — Raios laser e câncer.
60 — Tomografia computadorizada.

O GANHADOR QUE NATAL ESPERAVA

Com muita raça e determinação, o time rubro conquista o 21.º título de sua história e quebra um preocupante jejum de quatro anos

Não houve festa nem volta olímpica. Mesmo assim, depois de quatro anos de espera, o América conquistou seu 21.º título de campeão potiguar ao derrotar o Baraúnas de Mossoró, por 2 x 1, no Estádio Castelo Branco, em Natal, dia 23 de agosto. A razão de tamanha apatia é que existe um recurso do ABC junto ao Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) da CBF. Em outras palavras: o campeonato chegou ao fim, mas está *sub judice*.

Em campo, porém, ninguém contesta: a equipe americana foi mesmo a melhor. Ganhou o primeiro e o terceiro turnos. O que se contesta é a conquista do segundo turno pelo Baraúnas. Se o ABC obtiver êxito em sua investida judicial, o direito de ir à final passará para suas mãos. Neste caso, a decisão com o Baraúnas perderá a validade. De qualquer modo, o América irá para a partida decisiva com a vantagem de jogar pelo empate, já que ganhou dois turnos.

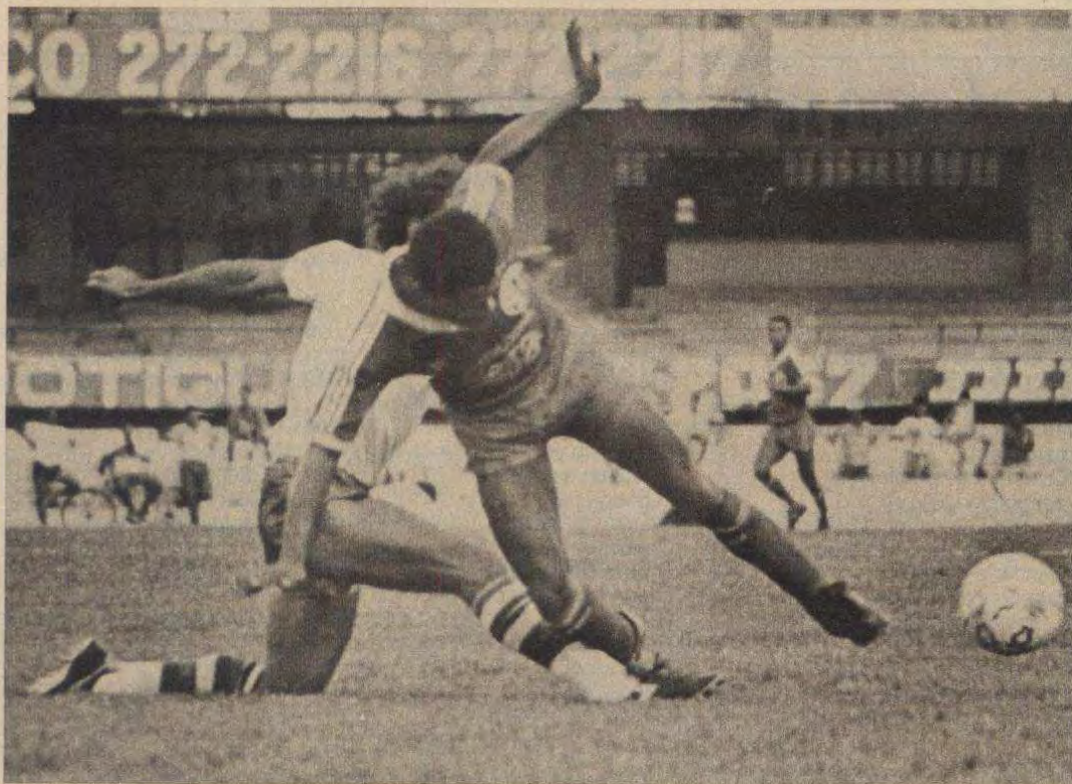
A confusão foi criada pela Federação Norte-Rio-Grandense ao não fazer o sorteio de campo para o jogo extra entre o ABC e o Baraúnas pelo segundo turno. A entidade marcou, por conta própria, o compromisso para Mossoró. Em protesto, o ABC não compareceu. E preferiu recorrer ao Tribunal de Justiça Desportiva (TJD). Resultado: perdeu o recurso e os pontos. Inconformado, buscou a instância superior, ou seja, o STJD da CBF.

Apesar da pendência, a Federação tratou de levar a competição até a última rodada, dentro do prazo estabelecido. Assim, América e Baraúnas apelaram à Justiça Comum e encontraram o respaldo jurídico para que disputassem a final. O time rubro, contudo, só poderá ser proclamado o vencedor da temporada depois do pronunciamento do STJD da CBF. Por enquanto, é campeão de fato, mas não de direito.

Depois de ver o Alecrim fazer carnaval em 1985 e 1986, a diretoria do América decidiu mudar muita coisa. Primeiro, contratou o técnico Caiçara, que havia levado o Ceará ao título cearense no ano passado. Muito respeitado no Nordeste, o experiente treinador entregou aos dirigentes uma lista de reforços.

EQUIPE DE RESPEITO — Só do Sul foram contratados sete jogadores: Vítor, do Vasco; Dalmo, do Bangu; e Sídnei, Medeiros e Cao, da Cabofriense, todos do Rio de Janeiro; e Carlos Alberto e Zé Roberto, ex-juvenis do São Paulo. Com esses nomes e mais os da casa e alguns da região, o América montou um conjunto de respeito.

Não foi difícil ficar com o primeiro turno. O problema de Caiçara foi convencer o elenco de que não deveria relaxar no returno. Mas não houve jeito. "O pessoal percebeu que havia sido fácil demais e acreditou que poderia repetir a dose sem trabalho", reconheceu.

De fato, na segunda etapa do certame o Baraúnas surpreendeu o rubro duas vezes, vencendo por 1 x 0 em Mossoró e em Natal. Já no terceiro turno, prevenido, o América partiu decidido. E ganhou

Estádio Castelo Branco, 23 de agosto: dos pés de Severinho, o gol do título

essa fase, ao derrotar no dia 9 de agosto o Riachuelo, por 1 x 0, gol do centroavante Silva, o artilheiro do campeonato.

Havia uma razão para que essa partida fosse difícil. "O Riachuelo, além de vir muito bem nessa etapa, é uma espécie de filial da nossa agremiação", contou Caiçara. "Afinal, quem é barrado num time faz até o impossível para mostrar que não devia ter sido dispensado", filosofou.

COMPETÊNCIA E SORTE — Foi mesmo um dia especial: a partir daí, o time americano se conscientizou de sua força. "Também contamos com a sorte, além do senso de oportunismo de Silva", admitiu o treinador. "Só que quem é azarado não conquista nada."

Para a finalíssima com o Baraúnas, o América chegou inteiro. Apesar da vantagem que lhe dava o regulamento, saiu para cima do adversário. Silva marcou logo aos 13 minutos. No segundo tempo, Severinho ampliou aos 8. Em seguida, a equipe de Mossoró perdeu Escurinho, expulso. Então, só restou fazer o tempo passar. Quando Magno diminiu o marcador, não havia mais dúvida da vitória americana: eram 42 minutos da segunda fase.

O maior astro foi mesmo o carioca Silva *(veja o quadro)*. Mas a campanha brilhante teria sido impossível sem o veterano goleiro Hélio, contratado junto ao Treze, de Campina Grande. Debaixo dos três paus, ele orientou os companheiros e manteve a meta menos vazada do campeonato, com 17 gols. Longe do gramado, exerceu sempre um papel de liderança entre os colegas de profissão.

FOTOS MOACIR NASCIMENTO

Na decisão com o Baraúnas: Vassil *(com a bola)*, um dos destaques do campeão

Na defesa, o destaque ficou para o zagueiro-central Édson, revelação do clube. Clássico e elástico, esteve perfeito nas bolas altas. No meio-campo, Valério, outra prata da casa, comandou tudo: destruiu e armou jogadas, valendo-se de sua habilidade nos lançamentos.

O técnico Caiçara, no entanto, prefere não apontar nomes. "Todo o grupo foi importante", observou, de modo polido. Mas a verdade é que tão cedo Natal não esquecerá esse time. Uma escalação que a torcida americana sabe de cor: Hélio, Lima, Édson, Medeiros e Vassil; Dalmo, Valério e Carlos Alberto; Sídnei, Silva e Severinho.

Rosaldo Aguiar

ARTILHEIRO

SILVA

O carioca Luís Carlos da Silva Matos, o Silva, só entrou no time do América no segundo turno do Campeonato Potiguar depois de se recuperar da segunda fratura na perna em sua carreira. Mesmo assim, alcançou a artilharia do estadual, fazendo quatorze gols. Com 27 anos, ele começou no Botafogo do Rio de Janeiro. Em 1981, transferiu-se para o Santa Cruz do Recife. Em seguida, passou pelo Vitória da Bahia e o Fortaleza. Em 1983, chegou ao futebol norte-rio-grandense contratado pelo ABC de Natal. No ano seguinte, ingressou no América, mas não teve sorte: logo no início do certame, quebrou a perna. Ficou um ano parado e retornou em 1986, quando outra vez a fatalidade o alcançou. Nesta temporada, porém, mostrou que está totalmente recuperado.

CAMPANHA

O América chegou ao título com dezoito vitórias, sete empates e quatro derrotas em 29 jogos. Fez 38 gols e sofreu dezessete. Os jogos do campeão foram:

ABC: 0 x 1, 0 x 0, 3 x 0, 1 x 0, 0 x 0, 1 x 0, 0 x 0, 0 x 3 e 2 x 2
Alecrim: 1 x 0, 2 x 1, 1 x 0, 0 x 0 e 2 x 0
Riachuelo: 3 x 0, 1 x 1, 1 x 0, 2 x 0, 0 x 0 e 1 x 0
Potiguar: 2 x 0, 4 x 2, 2 x 0, 3 x 2 e 2 x 1
Baraúnas: 2 x 1, 0 x 1, 0 x 1 e 2 x 1

PLACAR

AMÉRICA

CAMPEÃO POTIGUAR 1987

FOTO MOACIR NASCIMENTO

No alto: Cosme (roup.), Macarrão (mass.), Rui Soares (sup.), Sérgio, Caiçara (téc.) e Mertelink (méd.); segunda fila: Valério, Régis, Eugênio, Hélio, Medeiros, Édson e Artur (prep. físico); terceira fila: Baltazar, Elmo, Vassil, Severinho, Carlos Roberto, Soares, Víctor. Roberto e Dalmo; abaixo: Mirabeau, Baíca, Lima, Sérgio, Cao, Silva, Sídnei, Wágner e Israel

GOIÁS

BICAMPEÃO GOIANO 86/87

FOTO PAULO CESAR

Em pé: Eduardo, Péricles, Gomes, Sanderlei, Jubal, Jorge Batata, Gilberto, Mauri, Válter, Uidemar, Róbson Alves (prep. físico) e Zé Mário (treinador); no centro: Wilson Resende (sup.), Paulo Lopes, Vágner Vilela, Rubens Brandão, Haile Pinheiro, Joviro Rocha (dirigentes), Eduardo, Gonçalino e Pelé (massagistas), e José Marinho (roupeiro); abaixo: Benevã, Josué, Palhinha, Niltinho, Sabará, Fagundes, Ronaldo Castro, Tiãozinho, Formiga e Donizetti

UM TIME GRANDE, RICO E VENCEDOR

Bom de caixa e de bola, o Goiás confirmou as previsões e chegou ao bi com uma equipe formada inicialmente por Carlos Alberto Silva

Quase ninguém duvidava. Um mês antes do início do campeonato, o Goiás já era motivo de preocupação para os demais clubes. Sua superioridade era tanta que o sistema de pontos corridos foi descartado desde o princípio. Inventou-se, então, uma forma de disputa que previa um quadrangular final. O objetivo: evitar que a competição perdesse a motivação muito cedo. Tudo inútil. O alviverde ganhou os dois turnos e garantiu o bi por antecipação. Sem muita festa.

Contratado às vésperas da estréia, o treinador Zé Mário, ex-volante do Vasco e da Portuguesa de Desportos, encontrou um elenco formado em 1986 por Carlos Alberto Silva, hoje técnico da Seleção Brasileira. Ainda assim, exigiu três reforços. Vieram Jorge Batata, lateral-esquerdo do Joinville; Niltinho, ponta-direita da Portuguesa de Desportos; e Sabará, centroavante do Inter, de Porto Alegre.

Era o complemento que faltava a uma equipe que já contava com o estilo elegante do promissor Uidemar, 22 anos; a habilidade do ponta-esquerda Tiãozinho, 22 anos; e a segurança do zagueiro e capitão Gomes, campeão brasileiro pelo Guarani em 1978 e Coritiba em 1985. E dispunha ainda da experiência de Formiga, 27 anos, um ponteiro comprado junto ao Santos em 1985 e que se revezou com Sabará no comando do ataque.

Com paciência, Zé Mário organizou um time-base que pouco foi modificado durante o campeonato. Jogava quase sempre com Eduardo, Válter, Gomes, Ronaldo Castro e Jorge Batata; Uidemar, Fagundes e Péricles; Niltinho, Formiga (Sabará) e Tiãozinho.

O técnico Zé Mário: time-base

Exibindo um ótimo conjunto, o Goiás ganhou o primeiro turno na penúltima rodada, ao derrotar o Itumbiara por 3 x 2, na casa do adversário, no dia 17 de maio. Com isso, esvaziou o clássico com o Atlético, que marcou o encerramento da fase inicial do estadual.

A esperança dos três maiores inimigos — Atlético, Itumbiara e Santa Helena — passou a ser o returno. No entanto, a história se repetiu. No dia 22 de julho, o alviverde venceu o Itumbiara, por 2 x 0, no Estádio Serra Dourada, em Goiânia. Com o resultado, ganhou o segundo turno e, como havia vencido o primeiro, sagrou-se bicampeão.

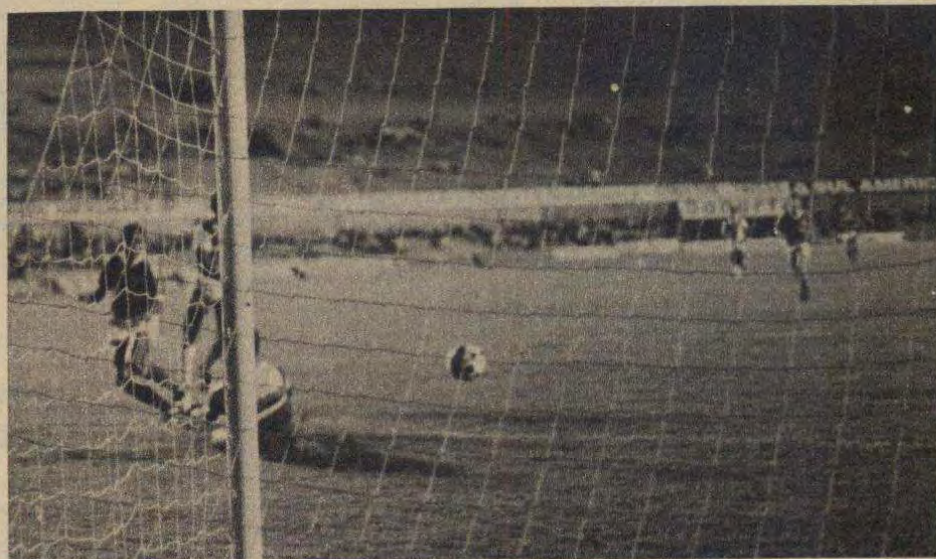
Uma rotina nos ataques do Goiás: goleiros de pernas para o ar

FILOSOFIA SEM VÍCIOS — A conquista antecipada em uma rodada não permitiu uma comemoração com muita festa. A torcida invadiu o campo, é verdade, mas os jogadores não deram sequer a volta olímpica. Foi o nono campeonato da história.

Para a diretoria, o importante era o coroamento de uma filosofia administrativa adotada no início da década — a de procurar formar jogadores e abandonar o nocivo vício de contratar craques em fim de carreira no eixo Rio—São Paulo.

O ataque alviverde, atrás do gol: uma obstinação ao longo do campeonato para conquistar o nono título estadual

Hoje, curiosamente, o Goiás é o dono da maior torcida e ainda exibe a melhor estrutura. Além disso, guarda um bom dinheiro em caixa. Bem diferente daquele clube que, fundado em 1943, até a inauguração do Serra Dourada, em 1975, tinha só três títulos regionais e não podia ser considerado a principal força no Estado.

O entusiasmo é tanto que o presidente Haile Pinheiro não vê a hora de começar a Copa Brasil. "Continuamos o maioral", costuma bater no peito. "Vamos arrebentar no Nacional", promete, sem disfarçar a euforia.

Jorge Kajuru

O artilheiro Formiga: sacudindo as redes e saindo para comemorar

ARTILHEIROS

FORMIGA E TIÃOZINHO

O centroavante Formiga, 27 anos, e o ponta-esquerda Tiãozinho, 22, foram os artilheiros do Goiás, ambos com nove gols. Formiga foi contratado junto ao Santos, em 1985. Tiãozinho, no entanto, surgiu no dente-de-leite do próprio clube, ao qual foi integrado aos 9 anos de idade, quando chegou de Nortelândia, Mato Grosso.

Mineiro de Juiz de Fora, José Maria do Carmo, o Formiga, começou no Atlético — MG. Com 66 kg e 1,70 m, é um ídolo do alviverde. "Parece uma cobra que aparece para morder", compara o técnico Zé Mário. Sebastião Inês Pereira, 66 kg e 1,66 m, é driblador e veloz. Em 1986, foi a revelação do Campeonato Goiano.

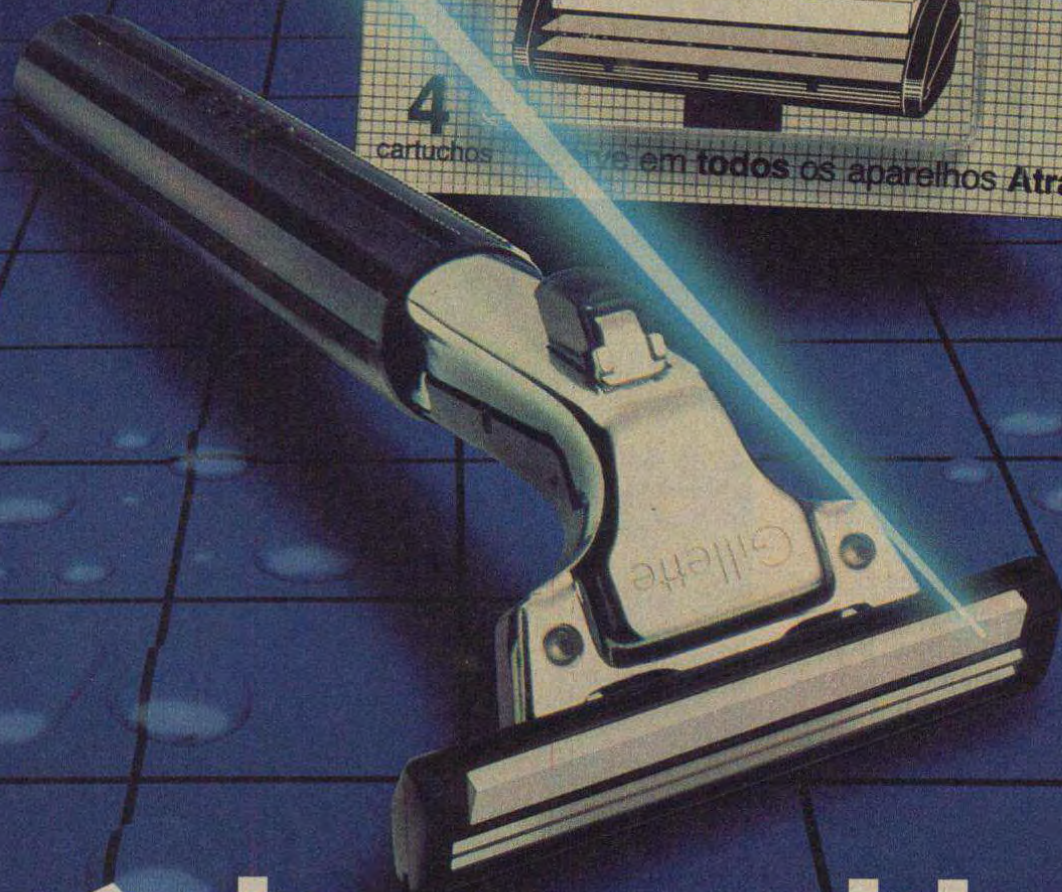
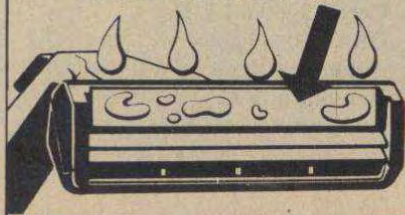
Formiga

Tiãozinho

CAMPANHA

O Goiás realizou 22 partidas para chegar ao bicampeonato. Venceu treze, empatou sete e perdeu duas. Seu ataque fez 47 gols e sua defesa sofreu 19. O retrospecto:

Santa Helena: 4 x 1 e 0 x 1
Anápolis: 0 x 0 e 2 x 2
Vila Nova: 3 x 2 e 2 x 2
Rio Verde: 1 x 0 e 3 x 1
Goiânia: 2 x 2 e 4 x 0
Goiatuba: 7 x 0 e 1 x 0
Ceres: 2 x 0 e 1 x 1
CRAC: 0 x 0 e 2 x 1
Anapolina: 3 x 1 e 3 x 0
Itumbiara: 3 x 2 e 2 x 0
Atlético: 1 x 2 e 1 x 1

Gillette®
novo
AtraPlus®
Lâminas paralelas de ação móvel
Fita Lubrificante
4 cartuchos
em todos os aparelhos Atra
Gillette
A máxima suavidade no barbear.
Exclusiva fita lubrificante.
Em contato com a água faz o aparelho deslizar mais suavemente.
A Gillette criou o novo Atra Plus, o mais revolucionário sistema de barbear.
Atra Plus tem a exclusiva fita lubrificante que, em contato com a água, faz o aparelho deslizar em seu rosto com uma suavidade que você nunca experimentou.
Não existe nada mais avançado que o novo Atra Plus da Gillette.
O que barbeava mais rente agora também é mais suave.
AtraPlus®
O melhor barbear da Gillette.
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

ALAGOAS

FOI DEVAGAR QUE SE CHEGOU AO BI

A equipe alvirrubra demorou um pouco para se acertar em campo. Quando embalou, pegou pela frente um valente CSE em duríssimas batalhas decisivas

No primeiro turno, o Clube de Regatas Brasil deu a impressão de que jamais chegaria ao bicampeonato alagoano. O time foi muito mal, nem sequer se classificou para o quadrangular decisivo daquela etapa. Puro engano, a fraqueza do CRB. O que acontecia é que a equipe era nova e estava desentrosada. A partir do momento que se acertou em

campo, o sonho distante do bi ficava cada vez mais próximo. "A campanha era árdua e tivemos necessidade de fazer alguns sacrifícios", revela o presidente Waldemar Correia. O sacrifício a que o cartola se refere foram as contratações a peso de ouro de dois importantes reforços: o ex-vascaíno Silvinho e o ex-palmeirense Freitas.

O time cresceu muito no segundo turno, ainda em fase de acertos. Chegou em terceiro lugar e se garantiu para o quadrangular. Aí, explodiu: venceu o returno e foi para a decisão em melhor de quatro pontos com o valente CSE, de Palmeira dos Índios. E põe valente nisso. O primeiro jogo terminou 0 x 0, em pleno Estádio Rei Pelé, de Maceió. A torcida chegou a ficar apreensiva para a segunda partida, na casa do adversário, que já havia vencido três vezes o CRB no certame. Só restou suar a camisa para quebrar o tabu: e veio uma sofrida vitória por 1 x 0, gol de Antônio Carlos. Faltava apenas mais um pontinho em um terceiro jogo. Mais problemas, porém: em sorteio realizado na Federação, a partida acabou marcada novamente para o Estádio Juca Sampaio em Palmeira dos Índios.

OTIMISMO E CAUTELA — "A festa vai acontecer no interior mas será nossa", garantia o atacante Silvinho, antes da viagem de 140 km desde a capital. O empate bastava para o CRB, e o time começou a decisão, quarta-feira, dia 26 de agosto, com muita cautela, armando um quadrado no meio-campo. A tática deu resultado no primeiro tempo, que terminou 0 x 0. Logo no início da etapa complementar, então, as coisas ficaram melhores ainda: o otimista Silvinho fazia 1 x 0 aos 4 minutos. O CSE chegou a empatar no finalzinho, mas aí a festa já estava garantida. Não havia mais tempo para nada.

Warner Oliveira

FOTOS CARLOS FEITOSA

O ex-palmeirense Freitas, com a bola em Palmeira dos Índios: luta no interior

ARTILHEIRO

FERNANDO

Fernando Lasalvia, artilheiro do CRB, marcou quatorze gols no campeonato. Pernambucano de Olinda, 23 anos, ele é sobrinho de dois grandes nomes do futebol de seu Estado: Bita e Nado, ídolos do Náutico na década de 60. Fernando Lasalvia também começou sua carreira no alvirrubro pernambucano, em 1979. No Clube de Regatas Brasil desde fevereiro, Fernando sempre preocupou os adversários por sua determinação e valentia. Tais atributos fizeram-no sofrer, também. Ficou fora do time por vários jogos, com uma fratura de malar provocada por cotovelada desleal do meio-campista Jorge Reis, do ASA. O passe de Fernando ainda pertence ao Náutico, clube no qual o jogador conquistou o título estadual de 1985. Com o sucesso em Maceió, ele agora quer partir para centros maiores.

CAMPANHA

Para chegar ao bi, o CRB venceu vinte partidas, empatou doze e perdeu sete. Em 39 jogos, marcou 51 gols e sofreu 28. Retrospecto:

ASA: 0 x 0, 1 x 1, 2 x 0, 1 x 2 0 x 0, 1 x 2 e 1 x 0
Capelense: 1 x 1 e 0 x 0
Comercial: 1 x 1, 1 x 1, 1 x 0, 3 x 1, 2 x 1 e 2 x 0
Cruzeiro: 0 x 1 e 2 x 1
CSA: 0 x 1, 2 x 2, 1 x 0 e 1 x 0
CSE: 2 x 1, 0 x 1, 3 x 0, 0 x 1, 2 x 3, 0 x 0, 1 x 0 e 1 x 1
Ferroviário: 4 x 1 e 3 x 1
Penedense: 0 x 0, 0 x 0, 1 x 0, 4 x 2, 2 x 1 e 2 x 0
São Domingos: 1 x 0 e 2 x 1

PLACAR

CRB BICAMPEÃO — ALAGOANO 1986/1987

FOTO CARLOS FEITOSA

Em pé: Joel Martins (técnico), Melo, Roberval, Alex, Sousa, Jorge Henrique e Adeildo; agachados: Ivanildo, Freitas, Fernando Lasálvia, Ricardo, Márcio e José Paulino (mass.)

PLACAR

FLAMENGO

BICAMPEÃO PIAUIENSE 86/87

FOTO CICERO ALEXANDRE

Em pé: Valdinar, Jorge, Carlinhos, Nivaldo, Zuega e Bilé; agachados: Alves, Joniel, Malta, Amauri e Etevaldo

TUDO EM CIMA COM O RUBRO-NEGRO

O Mengo de Teresina tinha dois planos: erguer sua Vila Olímpica e arrebatar o bicampeonato. Foi à luta e conseguiu o duplo objetivo, com méritos

O Flamengo entrou em 1987 dividido entre dois sonhos: construir sua moderna Vila Olímpica e chegar ao bicampeonato piauiense. O primeiro plano quase acaba estragando o segundo. Melhor para a torcida que a etapa inicial de construção da nova sede tenha terminado em tempo recorde. Aí, a diretoria pôde dedicar-se por inteiro para chegar ao título no futebol.

O campeonato deste ano apresentou muito equilíbrio entre os participantes, com os times do interior botando as manguinhas de fora e dando bastante trabalho aos clubes da capital. O Flamengo, porém, assim que se acertou, depois da má campanha no primeiro turno, acabou sendo a equipe mais regular.

O elenco era bom. A peça principal foi o ótimo meio-campo formado pelo prata da casa Zuega e pelos cearenses — trazidos no início do ano — Amauri e Alves. Foram contratados também o goleiro Jorge, ex-Ríver, e o lateral Pedrinho, ex-Piauí. O dinheiro? Foi conseguido com a venda de Dias Pereira e China, astros do time campeão do ano passado, para o futebol do Maranhão. Nos demais setores, o rubro-negro estava bem servido, com os laterais Valdinar e Bilé, o central Carlinhos e os pontas Joniel e Etevaldo. Para costurar e armar esse grupo, a presença de um técnico experiente: Antônio Lima, mais conhecido por Gringo, um antigo conhecedor do futebol do Piauí. Ex-jogador do próprio Flamengo nas décadas de 60 e 70, conquistou seis vezes o título estadual no tempo em que calçava chuteiras. Matreiro e ponderado, Gringo deu padrão de jogo ao time, armando um esquema baseado na força de seu meio-campo.

O RÍVER É FREGUÊS — O Flamengo seguiu decidido a partir do segundo turno. Ganhou aquela etapa e o direito de disputar uma melhor de três pontos contra o Piauí, vencedor do turno inicial. A primeira festa já acontecia naquele momento: o maior inimigo, o Ríver, estava alijado da decisão. Flamengo e Ríver têm as maiores torcidas do Estado e o famoso clássico Rivengo, entre os dois, é sempre reverenciado como se cada partida fosse uma final. Neste ano, o Flamengo venceu duas vezes, perdeu uma e empatou outra. Saldo positivo que garante uma temporada inteira de gozação em cima dos torcedores do Ríver. Mas o melhor ainda estava por vir.

Na série de partidas decisivas contra o Piauí, o rubro-negro empatou em 0 x 0. E na noite de quarta-feira, 29 de julho, entrou em campo com Jorge, Valdinar, Nivaldo, Carlinhos e Bilé; Zuega, Alves e Amauri; Joniel, Malta e Etevaldo para acabar com a brincadeira. Com um jogo rápido pelas pontas, não deu chances ao adversário e saiu atrás da vitória — embora, pelo regulamento, fosse beneficiado por três empates, por ter acumulado mais pontos no campeonato todo. Aos 16 do segundo tempo, Etevaldo fez 1 x 0. A festa pelo bi estava começando. Era o 14.º título da história do clube.

Carlos Said

CÍCERO ALEXANDRE

Amauri, ídolo e goleador

ARTILHEIRO

AMAURI

O pernambucano Amauri Nascimento da Silva, 28 anos, não é propriamente um artilheiro nato. Joga no meio-campo e fez seis gols. É veloz e arma os contra-ataques do time. Dribla bem e tem ótimo aproveitamento nos arremates. Esperto, caiu na graça da torcida, que o elegeu como o grande ídolo. Amauri veio para o Flamengo em fevereiro.

CAMPANHA

O Flamengo disputou 22 partidas. Venceu onze, empatou sete e perdeu quatro. Seu ataque marcou trinta gols e sofreu dezenove. Eis seu retrospecto:

Caiçara: 4 x 3 e 2 x 1
Tiradentes: 2 x 1 e 0 x 1
Parnaíba: 0 x 1, 1 x 1 e 1 x 0
Comercial: 1 x 1, 0 x 0 e 1 x 0
Auto-Esporte: 4 x 1, 0 x 0 e 3 x 1
Ríver: 4 x 0, 2 x 1, 1 x 3 e 0 x 0
Piauí: 1 x 1, 0 x 2, 2 x 1, 0 x 0 e 1 x 0

CASIO

CG-98 CANOE SLALOM

Percorra as corredeiras de um rio de diversão e aventura! Guie seu caiaque pelas rochas e atravesse os obstáculos no seu caminho em busca do novo recorde mundial!

COLEÇÃO DE JOGOS CASIO

Suspense! Aventura! Diversões emocionantes!

CG-111 HIPPO MOUTH

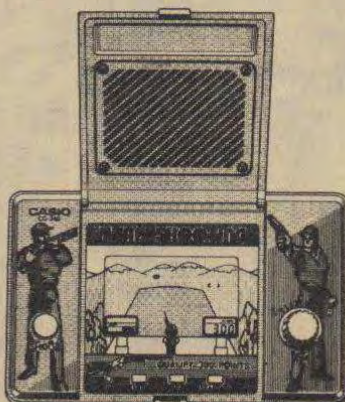
Ajude um minúsculo dentista das selvas a limpar os dentes de um imenso hipopótamo! Tempo e habilidade valem pontos num jogo cheio de emocionante diversão!

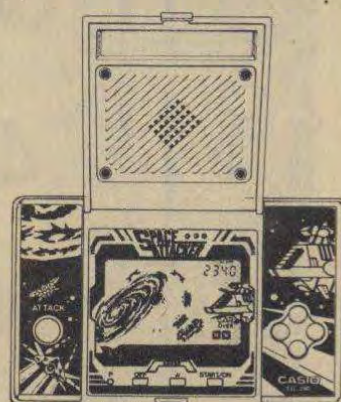
CG-112 APPLE CATCH

Fuja das grandes e malvadas abelhas, enquanto você tenta roubar as maçãs para alegria dos chimpanzés! Ação contínua repleta de suspense e aventura!

Reais e emocionantes efeitos sonoros!

CG-330
SUBMARINE BATTLE

É você contra os aviões, navios e submarino das forças combinadas do inimigo! Mergulhe para se esconder e suba à superfície para atacá-los fora da água!

CG-340
TRAP SHOOTING

Emoções reais na linha de fogo, enquanto você acerta os pombos de barro voando pelo ar! Ouça perfeitamente o sinal de tiro quando você marcar outro ponto certeiro!

CG-350
SPACE ATTACKER

Viaje pelos limites mais longínquos da galáxia e combata os brilhantes e velozes guerreiros alienígenas numa furiosa batalha estelar! Destrua a base inimiga e transforme-se no herói do universo!

Os produtos acima podem ser adquiridos na Zona Franca de Manaus ou nos "Free Shops" dos aeroportos de São Paulo, Rio de Janeiro e outros países.

CASIO COMPUTER CO., LTD.
TOKYO, JAPAN. Telex No. J26931 CASIO

PAYSANDU

CAMPEÃO PARAENSE 1987

FOTO ARY SOUZA

Em pé: Samuel, Alcino (roup.), Givanildo (técnico), Cláudio Figueiredo (prep. físico), Dias (aux. técnico), Marajó, Serginho, Dino, Vânder, Maurício e Cléber; no centro: Paulo Goulart, Miguel, Zé Augusto, Oberdã, Edil, Luisinho das Arábias, Cabinho, Pedrinho, Válter e Nad; sentados: Ernâni Banana, Paulinho, Paulo Sérgio, Tonho, Sales, Rui Curuçá e Ednaldo

UMA EQUIPE À PROVA DE DESABAMENTOS

Depois do boato de queda do Estádio Mangueirão, o Paysandu venceu o Remo e mostrou que valeram os investimentos em reforços

Depois do triunfo do Remo no ano passado, a diretoria do Paysandu decidiu armar uma grande equipe para a temporada de 1987. E não poupou investimentos: contratou Luisinho das Arábias, Paulo Goulart, Ernâni Banana, Tonho, Samuel e Oberdã. Com a chegada do técnico Givanildo Oliveira, o time finalmente começou a ser arrumado.

Ex-jogador do Corinthians e da Seleção Brasileira, Givanildo utilizou toda sua experiência para preparar o time. Optou por uma equipe ofensiva e recorreu a Luisinho das Arábias e Cabinho. O primeiro, mais deslocado para o meio-campo, e o segundo, enfiado entre os zagueiros.

Deu certo. A dupla se entrosou com perfeição. Ainda nos amistosos antes do campeonato, o time já demonstrava ser um forte candidato ao título estadual.

Quando o certame teve início, os resultados da mudança começaram a surgir com mais força. Assim, o Paysandu conquistou os dois primeiros turnos. Por fim, veio a grande decisão com o Remo.

Na hora da finalíssima, o desabamento do Edifício Raimundo Farias ainda assustava a população de Belém. Um boato de que o Estádio Alacid Nunes, o Mangueirão, corria risco de nova catástrofe fez a partida ser adiada de quarta-feira, dia 26 de agosto, para domingo, dia 30. Os dirigentes ficaram com receio de que o público não comparecesse ao jogo. Foi necessário, então, contratar uma empresa de engenharia para vistoriar o Mangueirão e tranqüilizar os torcedores.

SEM O ARTILHEIRO — O Paysandu precisava apenas de um empate para chegar ao título, mas não contava com o goleador Cabinho — fora por ter recebido o terceiro cartão amarelo. O Remo teria de vencer para provocar uma melhor de quatro pontos. Os ingressos foram reajustados e a Sunab ameaçou entrar em ação. Mas a Federação Paraense pôs uma televisão, uma geladeira e uma bicicleta para sorteio entre os torcedores. O caso ficou resolvido. ▷

ANTONIO SILVA/O LIBERAL

Cabinho *(com a bola)* e Ernâni Banana *(entre os zagueiros)*, num ataque do Paysandu: perigo constante no campeonato

FOTOS GETÚLIO OLIVA

Mangueirão, 30 de agosto: o Paysandu faz a festa em cima do inimigo

O estádio ficou em pé, mas o Remo não resistiu

Contudo, se o Mangueirão não estava para cair, e não tombou, mesmo com a lotação de 23 334 pessoas, o mesmo não aconteceu com o Remo, que desmoronou depois que o Paysandu conseguiu empatar a partida.

Na verdade, o Remo parecia disposto a prolongar o campeonato. Logo aos 15 minutos iniciais, Marcos Nogueira, de cabeça, colocou o Leão Azul em vantagem. O alívio chegou aos 30 minutos, com um gol de Edil. A partir daí, o time alvi-azul mandou na partida: enquanto aumentava sua pressão, o Remo se desarticulava.

TIME EMBALADO — No segundo tempo, o Paysandu entrou decidido a vencer. Liderado por Luisinho das Arábias, o melhor jogador em campo, o time embalou. O Papão — como o Paysandu é chamado em Belém — deitou e rolou nos minutos finais. O próprio Luisinho marcou o gol da vitória. E, em seguida, seus companheiros passaram a tocar a bola à espera do apito final e do 32.º título da equipe.

Uma das grandes revelações da temporada foi o ponta-direita Edil, que surgiu nos juniores do Paysandu. Foi o segundo artilheiro do time, com quatorze gols. O goleador Cabinho invadiu o gramado logo após o encerramento do jogo. Queria festejar o título junto com seus companheiros.

O Paysandu foi campeão invicto. Miguel Pinho, um bicheiro que é o presidente do clube, estava muito satisfeito. "Investi alto, mas vencemos", comemorava.

Getúlio Oliva

CAMPANHA

Campeão invicto, o Paysandu realizou 26 partidas. Venceu vinte e empatou seis. O ataque marcou 51 gols e a defesa sofreu treze. Seus resultados foram:

Independente: 4 x 0 e 1 x 0
Sport Belém: 4 x 1, 2 x 0 e 1 x 1
Pinheirense: 3 x 0, 4 x 2 e 1 x 1
Santa Rosa: 3 x 0, 2 x 0 e 0 x 0
Isabelense: 3 x 1, 2 x 0 e 1 x 0
Tiradentes: 3 x 0 e 2 x 0
Remo: 1 x 0, 2 x 1, 0 x 0 e 2 x 1
Tuna Luso: 2 x 1, 3 x 2 e 0 x 0
Yamada: 2 x 2, 2 x 0 e 1 x 0

ARTILHEIRO

CABINHO

Ele é o artilheiro do Brasil. Aos 28 anos, Aquiles Fernando Kupfer, o centroavante Cabinho, consegue a maior consagração de sua carreira. Marcou 24 gols pelo Paysandu no Campeonato Paraense e deixou para trás os goleadores dos outros 21 regionais.

Catarinense da cidade de Caçador, filho de pai alemão e mãe italiana, Cabinho é temperamental e explosivo. Talvez por isso não tenha dado certo na Ponte Preta, no ano passado — única tentativa que fez em time grande no sul do país.

Sua carreira teve início no Caçadorense, em 1976. Dois anos depois, transferiu-se para o Velo Club, de Rio Claro. Defendeu o Novo Hamburgo e o Blumenau. Em 1981, retornou ao Velo. "Nessa ocasião, fui convocado para a Seleção Paulista de Novos", lembra. "Fui o artilheiro numa excursão."

Cabinho chegou ao Paysandu em 1982. Saiu emprestado em duas oportunidades. Sempre voltou, porém, por exigência da torcida. Em sua ausência, bastava um centroavante perder gol para os torcedores gritarem seu nome em coro. Ainda em 1985, quando o Paysandu foi bicampeão, ele se tornou artilheiro do time, com dezoito gols.

Ele não pode ser definido como dono de um futebol clássico. Não produz jogadas de efeito nem aplica dribles desconcertantes. No entanto, chuta forte com os dois pés e se posiciona bem na grande área.

Em apenas um jogo — vitória do Paysandu sobre o Sport de Belém, por 4 x 1 —, Cabinho fez todos os gols de seu time. "Ele é um perigo quando fica solto na área", diz o zagueiro Pagani, emprestado pelo Santos ao Remo. O artilheiro confessa ser fã de Zico e Careca. Mas não gostaria de ser nenhum deles. "No fundo, sou fã de mim mesmo", afirma.

ERA UMA VEZ A FILA DE 29 ANOS

O time não era campeão desde 1959. Desde 1960 as equipes da capital não chegavam juntas à decisão. Mas, neste ano, o alvirrubro voltou a ser grande.

O número de títulos que o Auto Esporte conquistou até hoje dá para ser contado nos dedos de uma mão só: ganhou em 1939, ano de sua fundação, repetiu a façanha dezessete anos depois, em 1956, e vencera pela última vez em 1958. Por isso, a primeira providência que o presidente João Máximo tomou quando assumiu, pouco antes do início do campeonato deste ano, foi trazer Vítor Hugo para treinador. "Só com ele poderemos quebrar este tabu de 29 anos", prometeu. "Vou trazê-lo, custe o que custar."

O gaúcho Vítor Hugo custou 45 000 cruzados mensais, um salário acima da realidade do futebol paraibano. Mas que o título veio, veio. Junto com o novo treinador, o time se reforçou para brigar pelo título. Do Botafogo, grande inimigo, foram arrebanhados os atacantes Porto e Isaías, e o meio-campo Zé Carlos Silva. Do Santa Cruz, do Recife, quase meio time: o goleiro Vino, o lateral Carlito e os armadores Ivo e Tola. Do Auto Esporte do ano passado mesmo, só foram aproveitados os ex-juniores Marcone e Sérgio.

Tal reformulação encheu de otimismo a torcida alvirrubra, que voltou aos estádios e vibrou com a conquista do segundo e terceiro turnos contra o Botafogo. Isso lhe deu a vantagem de jogar pelo empate na finalíssima de quarta-feira, 2 de setembro — o campeonato paraibano foi o último regional a terminar em 1987.

Valeu esperar, porém. A conquista derrubou outra escrita, que prevalecia desde 1960: há 27 anos os dois grandes clubes da capital não faziam a decisão entre si. Sempre havia um time de Campina Grande na finalíssima — ou os dois, Campinense e Treze. Agora foi diferente: o Auto Esporte investiu e voltou a ser o grande clube das décadas de 40 e 50, ressurgindo com força total.

Martins Neto

O Auto Esporte entra em campo: para acabar com tabus

ARION CARNEIRO

CAMPANHA

Foram 26 jogos, dezenove vitórias, quatro empates e apenas três derrotas. O time marcou 43 gols e sofreu dez. Para ser campeão paraibano de 1987, o Auto Esporte alcançou os seguintes resultados:

Guarabira: 1 x 0, 1 x 0 e 1 x 0
Esporte: 1 x 0, 1 x 1 e 5 x 0
Nacional-P: 1 x 0, 1 x 0 e 4 x 0
Nacional-C: 1 x 0, 3 x 0 e 2 x 0
Treze: 0 x 1, 0 x 0 e 0 x 1
Santa Cruz: 1 x 1 e 3 x 1
Santos: 2 x 0, 2 x 0 e 2 x 0
Campinense: 1 x 2, 3 x 0 e 3 x 2
Botafogo: 1 x 1, 2 x 0 e 1 x 0

ARTILHEIRO

ISAÍAS

Isaías Ferreira da Silva, 26 anos, marcou quatorze gols no campeonato. Ficou atrás de Vamberto, do Nacional de Patos, que foi o artilheiro do certame, com vinte gols. Os tentos de Isaías, porém, foram decisivos. "Não cheguei na frente dos goleadores, mas contribuí para a conquista do título", exulta ele. Isaías começou sua carreira no Sport Recife, passou pelo Santa Cruz, de Santa Rita (PB), e ABC, de Natal. No ano passado, defendeu o Botafogo, de João Pessoa. Seu estilo é rompedor. Cabeceia muito bem. Tornou-se um ídolo da torcida e considera-se vingado por ter saído do Botafogo: foi contra o ex-time que seus gols acabaram decidindo o segundo e o terceiro turnos do certame.

PLACAR

AUTO ESPORTE

CAMPEÃO PARAIBANO 1987

FOTO ARION CARNEIRO

Em pé: Vítor Hugo (técnico), Válter Bandeira (médico), Gutemberg (prep. físico), Neurilene, Adaílton, Marcone, Zé Carlos Silva, Lúli, Vino, Eduardo Eugênio (prep. físico) e Galego (massagista); agachados: Válter Cruz, Porto, Carlito, Dagoberto, Dentinho, Isaías, Bona, Tola, Farias e Anchieta

SAMPAIO CORREA

TETRA MARANHENSE 1984/87

FOTO JURACY MEIRELES

Em pé: Geraldo Cotrim (dirigente), Milton Miranda (médico), Luís Sérgio, China, Joãozinho, Beato, Zé Carlos, César, Deco Soares (dirigente), Pedro Vasconcelos (dirigente) e Guilherme (enfermeiro); agachados: Luz (mass.), Luís Carlos, Ivanildo, Dias Pereira, Paulo Lifor, Orlando, Rosclin, Ademílton, Bimbinha, Marco Antônio, Luís Carlos (mass.) e Joel (mass.)

UM CAMPEÃO QUE SUPEROU A DOR

O tricolor de São Luís chega a um título inédito em sua história abalado pela morte do técnico Nélson Gama na véspera da decisão

Mesmo tendo perdido o primeiro turno para o Maranhão, a conquista do tetracampeonato do Sampaio Correa foi incontestável pelos números de sua campanha. O time tricolor, principal destaque da competição, só não teve o artilheiro máximo: foi o time que mais ganhou e a defesa menos vazada. Para chegar ao título de tetracampeão — inédito em sua história — precisou de quatro técnicos. O primeiro foi o irrequieto João Avelino, que durou apenas 45 dias no cargo. Em seguida, Zanata — ex-jogador do Vasco e Flamengo — aportou em São Luís para dirigir a equipe. Menos de um mês depois ele recebeu um convite do Avaí e foi embora para Santa Catarina. Para o lugar de Zanata, a diretoria foi buscar no Rio de Janeiro o treinador do Porto Alegre, Gildo Rodrigues. Este trazia como cartão de apresentação a glória de ter derrotado o todo-poderoso Flamengo numa partida do Campeonato Carioca. Gildo, porém, sem maiores explicações, ficou apenas quatro dias no Sampaio Correa e não chegou sequer a orientar a equipe em nenhuma partida. A esta altura do campeonato, o primeiro turno estava indo para o brejo.

Na busca de um nome para sentar no banco, o tricolor chegou ao paulista José Carlos Fescina. Foi pior a emenda que o soneto. Os maus resultados se acumulavam, o time não se acertava e o primeiro turno era conquistado tranqüilamente pelo Maranhão. O tetra parecia cada vez mais distante. Cansado de arriscar e perder tempo, o Sampaio achou melhor chamar de volta o treinador Nélson Gama, campeão maranhense pelo próprio tricolor em 1980 e 1985.

VOLTA POR CIMA — Gama foi uma espécie de salvador. Antes de ir para o Sampaio Correa, ele já havia classificado o pequeno Vitória do Mar para o segundo turno e o Imperatriz para a fase final. Também com Nélson, sem contratar nenhum reforço, o Sampaio Correa deu a volta por cima e passou a conquistar pontos importantes rumo ao título estadual. Com o novo técnico, foi campeão do segundo turno, campeão da primeira volta do quadrangular final e chegou à decisão, no último jogo, precisando apenas de um empate para levantar o tetra. Então, dois dias antes da partida, o

FOTOS JURACY MEIRELES

ABRIL

O presidente Pedro Vasconcelos abraça Raimundinho em comemoração emocionada que homenageou o técnico Gama *(foto menor)*

CAMPANHA

Para chegar ao tetracampeonato, o Sampaio Correa realizou 22 jogos. Teve apenas três derrotas e conseguiu doze vitórias e sete empates. O ataque marcou 25 gols e a defesa, a menos vazada, sofreu nove. Seus resultados, jogo por jogo:

Expressinho: 2 x 1
Maranhão: 1 x 0, 0 x 1, 1 x 2, 1 x 0, 1 x 0 e 0 x 0
Boa Vontade: 3 x 0
Vitória do Mar: 1 x 0 e 3 x 0
Moto Clube: 1 x 1, 0 x 0, 0 x 0, 2 x 1, 1 x 0 e 1 x 1
Imperatriz: 0 x 1, 1 x 0, 1 x 1, 0 x 0 e 2 x 0
Tocantins: 3 x 0

Castelão, 27/8/1987: a defesa suporta o ataque do Maranhão e garante o tetra

coração de Nélson Gama não agüentou e ele morreu. ''Ele parecia que estava sabendo que iria morrer'', recorda o zagueiro Rosclin, capitão da equipe. Rosclin lembra que, na última preleção, Gama parecia estar-se despedindo do grupo.

A morte do treinador, embora tenha abalado o elenco, deu-lhe forças para lutar com mais intensidade ainda pelo título, uma espécie de última homenagem a Nélson Gama. Os jogadores não aceitaram a transferência de datas nem quiseram que outro técnico orientasse a equipe no jogo final contra o Maranhão. Numa partida emocionante, o Sampaio Correa soube superar a dor e sustentar o empate de 0 x 0 que lhe assegurou o tetra. Os principais destaques do time foram o goleiro Jorge, o zagueiro Rosclin, o volante Zé Carlos e o meia Raimundinho.

Edivan Fonseca

ARTILHEIRO

RAIMUNDINHO

José Raimundo Lopes Rodrigues é maranhense de São Luís e tem 25 anos. Começou sua carreira nas divisões inferiores do Moto Clube. Sagrou-se tricampeão estadual (1981, 1982 e 1983) e teve seu passe negociado com o Barcelona, do Equador.

Voltou ao Moto, por empréstimo, em 1986. Numa polêmica transferência, foi reemprestado ao Sampaio Correa. O meia Raimundinho jogou pouco — acabou artilheiro do time com apenas quatro gols — devido ao cancelamento de seu registro por parte da CBF, justamente pela discussão da validade e legalidade de seu contrato. Além de goleador do Sampaio Correa, é considerado atualmente o melhor jogador do Estado.

PLACAR

VASCO — CAMPEÃO SERGIPANO 1987

FOTO DIAS SOARES

Em pé: Gilmar, Miranda, Missinho, Almir Santos, Reginaldo, Pimenta, Careca, Fernando, Beto e Ubiratan; agachados: Jorge, Valença, Quinha, Zé Carlos, Geldo, Zé Raimundo e Alair (mass.)

NADOU, NADOU E VENCEU NA PRAIA

Desacreditado como sempre, o pequeno cruz-maltino sergipano não desanimou com a luta quase impossível e chegou ao título depois de 33 anos de espera

O pequeno Vasco já estava acostumado com a gozação dos adversários: o time sempre nadava, nadava e morria na praia. Então, há três anos, a diretoria do clube resolveu trabalhar a longo prazo formando um time caseiro, sem estrelas, sob a direção do técnico Cacau — ex-jogador do Bahia e do Sergipe, e bem-conceituado treinador no futebol sergipano. Os frutos acabaram sendo colhidos agora.

A última vez em que o Vasco havia chegado ao título fora em 1953, ainda na época do amadorismo. Quase sempre se contentara em chegar entre os quatro ou cinco primeiros colocados. Neste ano, encheu-se de audácia e sonhou mais alto. A tarefa começou a ficar mais fácil a partir do final do primeiro turno: o time acabou vice-campeão e garantiu sua presença no quadrangular final. A partir de então, a equipe caiu um pouco de produção e chegou à fase decisiva desacreditada, como sempre.

Até no quadrangular decisivo a campanha não vinha sendo das melhores: nos primeiros quatro jogos, três empates e só uma vitória. "Nosso time vai-se recuperar nas duas partidas finais", garantia o otimista treinador Cacau. Venceu o Itabaiana na penúltima rodada por 2 x 1 e entrou em campo para a decisão fazendo contas na ponta do lápis. Precisaria derrotar o Confiança e esperar um empate ou derrota do Itabaiana diante do Estanciano, em Itabaiana.

FOTOS DIAS SOARES

Batistão, 23 de agosto: os torcedores do Vasco dão uma rara volta olímpica

FIEL TORCIDA — A fé falou mais alto. Enquanto o Estanciano sustentava um empate em seu jogo, no Batistão o Vasco partia para cima do Confiança na ensolarada tarde de domingo, 23 de agosto. Fim do primeiro tempo, Vasco 1 x 0, gol de Quinha. Começo do segundo, Vasco 2 x 0, gol de Zé Raimundo. A pequena mas fiel torcida cruz-maltina começava a comemorar o título nas arquibancadas e nem se incomodou muito quando o Confiança ainda descontou faltando 10 minutos para a partida acabar. A partir daí, o Vasco soube segurar a bola com competência e assegurar um título que não via há mais de 30 anos.

Gílson Rolemberg

ARTILHEIRO

ZÉ CARLOS

José Carlos Barros Mendes é baiano de Ubaitaba e tem 33 anos. Foi o goleador do time, com sete gols. Zé Carlos é um autêntico colecionador de títulos estaduais. Nos últimos nove anos, só não foi campeão em 1981 e 1986. Eis sua galeria: campeão capixaba de 1978 pelo Rio Branco, campeão baiano de 1979 com o Bahia e de 1980 com o Vitória, bi alagoano 1982/1983 pelo CSA, brasiliense em 1984 no Brasília, cearense de 1985 com o Ceará e campeão sergipano agora, com o Vasco.

Zé Carlos tem bom controle de bola, dribla bem e chuta forte. Não foi o goleador do Estado, porém: esse título coube a Celso Mendes, do Sergipe, que marcou dezoito gols.

CAMPANHA

Para chegar ao título, o Vasco realizou 35 jogos. Venceu doze, empatou quatorze e perdeu nove. O ataque marcou 33 vezes e a defesa sofreu também 33 gols. Os resultados:

Santa Cruz: 2 x 1, 2 x 1, 4 x 1 e 2 x 1
Lagarto: 3 x 1, 0 x 1, 0 x 0 e 0 x 2
Estanciano: 1 x 1, 1 x 3, 1 x 1, 0 x 2, 1 x 0 e 0 x 0
Confiança: 1 x 3, 1 x 1, 2 x 1, 0 x 3, 0 x 0 e 2 x 1
Maruinense: 0 x 0, 0 x 0, 0 x 0 e 0 x 1
Sergipe: 2 x 1, 1 x 1, 1 x 0 e 1 x 2
Itabaiana: 0 x 0, 0 x 0, 0 x 1, 1 x 0, 2 x 2, 0 x 0 e 2 x 1

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Angelo Rossi, Edgard de Silvio Faria, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plácido Loriggio, Ricardo Fischer, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

PLACAR

Diretor de Grupo: Juca Kfouri

REDAÇÃO

Diretor: Carlos Maranhão

Redator-Chefe: Tonico Duarte
Diretor de Arte: Adalberto Cornavaca
Editores: Adelto Gonçalves, Carlos Eduardo Alves, Marcelo Duarte, Marcos Barrero
Repórteres: Ari Borges, Marcelo Laguna, Mário Sérgio Venditti, Nélson Urt, Ubiratan Brasil
Pesquisador de Fotos: Ricardo Corrêa Ayres
Fotógrafos: Carlos Fenerich, Nélson Coelho, Sérgio Berezovsky
Chefe de Arte: Walter Mazzuchelli; **Diagramadores:** Alberto S.L. Magalhães, Mauro Massayuki Kawamura, Rosa Luiza Zambelli, Sérgio Prado Martins; **Paste-up:** José Dionisio Filho, José Jonas de Lima, José da Luz Tenório
Coordenador de Produção: Renê Santos Filho
Secretário de Produção: Silvio A. Nascimento
Preparador de Texto: José Gustavo Vasconcellos
Produção: Sebastião Silva
Auxiliar de Produção: Roberto Barreiros Reis
Atendimento ao Leitor: Manoel Gonçalves Coelho
Sucursais
Rio - Chefe: Hideki Takizawa; **Repórteres:** Alfredo Ogawa, Carlos Orletti, Martha Esteves, Milton Costa Carvalho; **Fotógrafos:** Antonio Carlos Mafalda, Marco Antônio Cavalcanti; **Produção:** Nilton Claudino da Silva; **Belo Horizonte - Repórter:** Bruno Bittencourt; **Curitiba - Repórter:** Roberto José da Silva; **Fotógrafo:** Sérgio Sade; **Porto Alegre - Repórter:** Divino Fonseca; **Fotógrafo:** Lemyr Martins; **Salvador - Repórter:** Washington de Souza Filho
Colaboradores: Guilherme Dieken (Alemanha); Jáder de Oliveira (Inglaterra)
Serviços Editoriais
Abril Press - Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Milão:** Rita de Luca; **Nova York:** Odillo Licetti; **Paris:** Pedro de Souza
Departamento de Documentação - Gerente: Auta Rojas Barreto
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

PUBLICIDADE/CIRCULAÇÃO

Gerente Comercial Brasil: Marcelo dos Passos Claro

Representantes - São Paulo: Alexandre Oliva Cahli, Antonio Carlos de Campos, Joselma Rangel Valença, Renato Nístico Bove; **Rio - Supervisor:** Luiz Augusto Carvalhaes Norfini; Guilherme Monteiro Pacheco
Assistentes Comerciais: Irene Marques, Rafael Vieira Filho
Coordenadora de Publicidade: Tieko Kuniyuki
Interior de São Paulo: Hélio Scavone Jr.
Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves; **Brasília:** Gilberto Amaral de Sá; **Curitiba:** Ângelo A. Costi; **Florianópolis:** Geraldo Nilson de Azevedo; **Fortaleza:** Ana Maria de Oliveira; **Porto Alegre:** Elcenho Engel; **Recife:** Edmilson R. Oliveira; **Salvador:** Elisabeth Silveira

Diretor de Marketing Publicitário: Julio Cosi Jr.
Diretor do Escritório Rio: Sebastião Martins
Diretor do Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais: Dreyfus Soares

Diretor Responsável: Osvaldo Franco Domingues Jr.

Diretor de Divisão: Thomaz Souto Corrêa
Diretor Gerente: Oswaldo de Almeida Filho
Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines
Diretor Administrativo: Vanderlei Bueno
Gerente de Propaganda: Ivo Carlos De Maria

São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, tel.: (011) 545-8575, Telex: (011) 23227, 23322 e 24134, Caixa Postal 2372, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Administração:** r. Jaguaretê, 213, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511. **Escritórios - Belo Horizonte:** r. Marília de Dirceu, 226, 6.º e 7.º andares, Bairro de Lourdes, CEP 30170, tel.: (031) 275-2388, Telex: (031) 1085; **Brasília:** SCS - Quadra 1, Bloco 1, n.º 30, Edifício Central, 10.º, 12.º e 13.º andares, CEP 70304, tel.: (061) 224-9150, Telex: (061) 1464, Telegramas: Abrilpress; **Curitiba:** r. Fernandes de Barros, 491, 2.º andar, salas 05 e 06, CEP 80000, tel.: (041) 262-8833, Telex: (041) 5278; **Florianópolis:** r. Osmar Cunha, 15, Bloco A, 2.º andar, sala 214, CEP 88000, tel.: (0482) 22-7826, Telex: (0481) 004; **Fortaleza:** av. Santos Dumont, 3060, salas 418, 420 e 422, CEP 60000, tel.: (085) 244-0410, Telex: (085) 1607; **Porto Alegre:** av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 a 308, CEP 90000, tel.: (0512) 33-2899, Telex: (051) 1092, Telegramas: Abrilpress; **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, salas 903 e 904, CEP 50000, tel.: (081) 224-0977, Telex: (081) 1184; **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress; **Salvador:** r. Itabuna, 304, CEP 40000, tel.: (071) 247-3999, Telex: (071) 1180. **Milão:** International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex 313585 e 332809; **Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex 237670, Phone: (212) 557-5990/5993; **Paris:** 33 Rue de Miromesnil - 8.º, 75008 Paris, facsimile: 42.66.13.99, Phone: 42.66.31.18, Telex ABRILPA 660731. **Distribuidor nos EUA:** M&Z REPRESENTATIVES, 112 Ferry Street, Newark, N.J., 07105, tel.: (201) 589-2794.

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das revistas Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Por MASSÉ

SER CAMPEÃO

Ser campeão é padecer no paraíso. É uma coisa inexplicável — como os regulamentos dos campeonatos, por exemplo. É sofrer desde o pontapé inicial da primeira partida da primeira fase do primeiro turno. É sofrer desde o pontapé inicial daquele beque desgraçado e perna-de-pau na santa canela do nosso atacante. É vibrar com o nosso zagueirão matando a jogada (e o jogadorzinho petulante do inimigo que se atreveu a passar do nosso meio-campo) com a classe que só os nossos zagueirões têm.

Ser campeão é ter mil olhos para enxergar o pênalti claríssimo que só o juiz não viu a favor dos nossos. É ter mil argumentos para provar que o juiz estava certo quando não marcou o pênalti a favor deles. É interpretar a lei do impedimento de acordo com o time que está atacando: se era o nosso, não estava; se era o deles, banheira sem contestação.

É agüentar uma eventual derrota com toda a dignidade, xingando pouco. É agüentar duas derrotas seguidas com a dignidade possível. É não agüentar três derrotas consecutivas e exigir a cabeça do técnico. É vibrar e torcer até em videoteipe.

É chegar no fim do campeonato sem saber se foi mais gostoso ganhar o título ou ter cozinhado o Galo, depenado o Urubu, matado o Porco... Ser campeão, por isso mesmo, é motivo para se comemorar o mais intensamente possível. Porque — cuidado! — no ano que vem pode ter troco.

NOVA L
Rua da Consolação, 20
Tel.: 259-0337
Três andares para melhor servir você

casaviva®

apresenta em avant-première um super espetáculo em dormitórios.

MODELO RAINHA - Revestido em veludo sintético, com rádio AM-FM.

MODELO ART DE VIVRE - Revestido em veludo sintético ou couro sintético, com espelho na cabeceira, rádio AM-FM, vidro fumê, aço escovado e luz.

Gucci Pierre Cardim
últimos lançamentos
Dior **das** PlayBoy
Feiras de Milão, Paris, Cologne.
Fendy Louis Vouitton

Agora, você pode adquirir a mais moderna coleção de Dormitórios Estofados Sonorizados direto da fábrica. Com rádio FM, toca-fitas, revestidos em veludo (liso ou moiré) ou couro sintético e com acabamento em aço escovado. Camas redondas, retangulares ou em medidas especiais, com colchão de espuma, ortopédicos e semi-ortopédicos. Todas as opções também para solteiro.

MODELO VIVABEM - Revestido em veludo sintético ou couro sintético. Com vidro fumê, som, aço escovado e luz.

MODELO LOUIS VOUITTON - Revestido em veludo sintético ou couro sintético. Com vidro fumê, aço escovado, luz, som e gavetas opcionais.

MODELO BELVEDERE - Revestido em camurça sintética, com apliques em aço escovado, som AM-FM e penteadeira em vidro fumê.

MODELO FENDI - Revestido em camurça sintética, com apliques em aço escovado, som AM-FM, luz regulável.

Despachamos para todo o Brasil.
Central de atendimento:
**Tels.: (011) 256-4204
256-1201
257-7304
259-9852
259-0337
Até 22 hs.**

Rua da Consolação, 871 - Centro
Rua Teodoro Sampaio, 498
Rua Caio Prado, 165
Rua da Consolação, 825
Largo do Arouche, 260 a 276

casaviva®
indústria e comércio de móveis
Direto da fábrica para você.

Rua Teodoro Sampaio, 987
Rua da Consolação, 2135
Rua Cardeal Arcoverde, 889
Av. Ibirapuera, 1846
Largo do Arouche, 248
Estacionamento próprio - S. Paulo

Escolha o caminho. A Honda XLX 350R não escolhe.